

DM

**Resiliência Individual, Funcionamento Familiar
e Adaptação Cultural em Migrantes Luso-venezuelanos
Recém-chegados a Portugal**

DISSERTAÇÃO DE MESTRADO

Érica Lisandra Abreu Fernandes

MESTRADO EM PSICOLOGIA DA EDUCAÇÃO



UNIVERSIDADE da MADEIRA

A Nossa Universidade

www.uma.pt

novembro | 2019

Resiliência Individual, Funcionamento Familiar e Adaptação Cultural em Migrantes Luso-venezuelanos Recém-chegados a Portugal

DISSERTAÇÃO DE MESTRADO

Érica Lisandra Abreu Fernandes

MESTRADO EM PSICOLOGIA DA EDUCAÇÃO

ORIENTAÇÃO

Maria João Beja

CO-ORIENTAÇÃO

Alda Patrícia Marques Portugal

Índice

Introdução	9
Parte I. Enquadramento Teórico	
Capítulo 1. Resiliência	14
Capítulo 2. Família e funcionamento	19
Capítulo 3. Transição psicossocial	23
Parte II. Estudo Empírico	
Capítulo 1. Metodologia e objetivos	29
Participantes e Amostra	30
Instrumentos	33
Procedimentos de recolha e análise dos dados	42
Capítulo 2. Apresentação e leitura dos resultados	44
Capítulo 3. Discussão dos resultados	53
Capítulo 4. Conclusões	58
Referências bibliográficas	61
Anexos	
Anexo 1 - Carta Convite à Participação no Estudo	

Índice de abreviaturas

AFCP - análise fatorial de componentes principais

ERA - Escala de Resiliência para Adultos

IDAP - Inventário das Dimensões da Adaptação Psicossocial

IDEA - Inventário das Dimensões da Aduldez Emergente

IDEA-8 - Inventory of Dimensions of Emerging Adulthood

PNUD - Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento

RAM - Região Autónoma da Madeira

RSA - Resilience Scale for Adults

SCORE-15 - Systemic Clinical Outcome Routine Evaluation-15 items

SPSS - Statistical Package for the Social Science

Índice de figuras

Fig. 1. Mapa conceitual da investigação

Índice de quadros

Quadro 1. Caracterização sociodemográfica da amostra

Quadro 2. Valores próprios de cada componente e variância total explicada antes e depois da rotação

Quadro 3. Matriz dos pesos fatoriais (loadings) depois da rotação

Quadro 4. Coeficientes da consistência interna

Quadro 5. Análise descritiva (média e desvio-padrão) da ERA

Quadro 6. Análise descritiva (média e desvio-padrão) do SCORE-15

Quadro 7. Análise descritiva (média e desvio-padrão) do IDAP

Quadro 8. Correlações de Pearson entre o IDAP e o Planeamento de futuro (ERA)

Quadro 9. Correlação de Pearson entre o SCORE-15 E O IDAP

Quadro 10. Diferenças nas idades quanto à experimentação possibilidades: Anova One-way

Quadro 11. *Teste Post-Hoc de Tuckey: Análise de diferenças entre os grupos*

Quadro 12. Diferenças na profissão quanto à adaptação à transição sociocultural: T-student

Quadro 13. *Anova One-way: Diferenças na transição psicossocial ao nível da situação laboral*

Agradecimentos

Conheça todas as teorias, domine todas as técnicas, mas ao tocar uma alma humana, seja apenas outra alma humana.

Carl Jung

Nesta reta final de formação académica, que é marcada pelo término da presente dissertação de mestrado, não posso deixar de agradecer a algumas pessoas que, direta ou indiretamente, contribuíram para a conclusão desta etapa tão importante para a minha vida profissional e pessoal.

Gostaria de expressar o meu maior agradecimento à Professora Doutora Maria João Beja, e à Professora Doutora Alda Portugal, pela orientação e pelas incontáveis aprendizagens que me foram proporcionando ao longo deste percurso. Por toda a preocupação, disponibilidade, pelas palavras de inspiração, conforto, pelo desafio constante, rigor, e saliento o carinho e dedicação com que me acolheram e orientaram. Estou-lhes eternamente grata!

Agradeço, ainda, a todos os participantes que constituíram a amostra deste estudo pela sua disponibilidade. Sem eles, não teria sido possível obter quaisquer resultados. Realço o William Figueira e a Malu Moya, que tiveram um papel muito importante nesta jornada, como amigos e parceiros de investigação.

Aos meus familiares, amigos e colegas, um obrigada, por todo o companheirismo e pelas constantes palavras de alento e força.

Ao Diogo, por toda a paciência, amor, dedicação e carinho. Por me ter encorajado a seguir em frente, mostrando o verdadeiro significado de trabalho árduo e que no fim tudo vale a pena.

A todos um incondicional e eterno obrigada!

Resumo

Os movimentos migratórios envolvem reconfigurações de estrutura e dinâmica familiar e social, especialmente quando a necessidade de migração ocorre de forma forçada. Quando as pessoas fogem dos seus países de origem, têm de tomar decisões rápidas e precipitadas, que podem ter implicações na sua adaptação ao país que as recebe e na definição de novas dinâmicas dentro e fora da família. Recentemente, a Venezuela atravessa uma crise migratória, fruto de tensões políticas, sociais e económicas, em que conseqüentemente tem se verificado um grande afluxo de migrações para Portugal, em particular, para a ilha da Madeira. Esta situação configura-se como um desafio tanto para quem o efetua, mas também para quem os recebe. É aqui que surge o conceito de resiliência, ou seja, processo através do qual os indivíduos e as suas famílias ultrapassam e se adaptam positivamente perante desafios significativos que ameaçam a sua estabilidade e desenvolvimento.

Tendo em consideração estes aspetos, este estudo segue uma abordagem transversal quantitativa com a população luso-venezuelana que regressou a Portugal, particularmente nos últimos três anos e meio. Pretende-se com este estudo compreender este fenómeno migratório como uma situação adversa de forma a compreender a transição sociocultural destes migrantes numa perspetiva individual, familiar e cultural.

A amostra é constituída por 105 indivíduos, 68 mulheres e 37 homens, com uma média de idades de 37 anos ($DP = 12$), que regressaram a Portugal entre os seis meses e os três anos e meio. Os instrumentos de avaliação utilizados foram um questionário sociodemográfico, a *Escala de Resiliência para Adultos (RSA)*, o *Systemic Clinical Outcome Routine Evaluation-15 items (SCORE-15)* e, o *Inventário das Dimensões da Adaptação Psicossocial (IDAP)*, traduzidos para castelhano, este último adaptado para este contexto. Os instrumentos obtiveram bons níveis de consistência interna: na RSA um alfa de Cronbach de .89, o SCORE-15 um alfa de .87 e o IDAP, através da análise

em componentes principais, reportou a existência de um alfa de Cronbach para cada item ou fator acima de .55.

Os resultados indicaram que a amostra apresenta uma boa percepção de resiliência, correlacionada positivamente com a transição psicossocial e a exploração de possibilidades. Relativamente ao funcionamento familiar obteve-se também valores que indicam uma boa percepção do seu funcionamento, os recursos familiares e a comunicação familiar parecem ter influência na percepção de negatividade e instabilidade face aos desafios experienciados. Por fim, o facto de se estar empregado parece não ter influência na transição psicossocial.

Palavras-chave: migração, família, resiliência, integração, luso-venezuelanos

Abstract

Migrational movements involve reconfigurations on family and social structure and dynamics, especially when the need to migrate occurs in a forced way. When people “run” from their original country, they must make quick and rushed decisions, they may have implications on their adaptation to the new country and on the definition of new dynamic in and out the family. Recently, Venezuela, has been going through a migration crisis, due to political, economic and social tensions, where consequently Portugal has been receiving a big mass of these migrants, specially to Madeira Island. Therefore, this situation is understood as a challenge for the one who migrates as well for the one who receives them. Thus, makes sense talking about resilience, meaning, the process where individual and families overtake and adapt successfully towards meaningful challenges that threatens their stability and development.

Considering these aspects, this study follows a transversal quantitative approach with these Venezuelans migrants, who returned particularly on the three last years. The aim of this study is to understand this migratory phenomenon as an adverse situation in a way to comprehend the social and cultural transition of these migrants in a individual, familiar and cultural perspective.

The sample is constituted by 105 individuals who returned to Portugal between six months and three and a half years. The instruments used were a sociodemographic questionnaire, the Resilience Scale for Adults (RSA), the Systemic Clinical Outcome Routine Evaluation-15 items (SCORE-15) and the *Inventory of Dimensions of psychosocial Adaptation* (IDAP), translated to Castilian, this last one, adapted to this context. The instruments obtained good levels of internal consistency: in RSA Cronbach's alpha of .89, in SCORE-15 an alpha of .87 and in IDAP through principal component analysis, obtained Cronbach's alpha for each item above .55.

The results show that the sample features a good perception of resilience, which is positively correlated with psychosocial transition and the exploration of possibilities. Regarding family functioning, it was obtained values that show good family functioning perception, also family resources and family communication seem to have influence in the perception of negativity and instability due to the challenges experienced. Finally, the fact that one is employed seems to have no influence on psychosocial transition.

Keywords: migration, family, resilience, integration, portuguese-venezuelan

Introdução

Diariamente milhões de pessoas migram para outros países em busca de melhores condições de vida. Este movimento migratório implica uma adaptação a um novo país, a uma nova cultura, língua, hábitos, visões diferentes, comportamentos, entre outros. Além disto, faz-se acompanhar de sacrifícios, incertezas, perdas, mas, e acima de tudo, esperança. Configura-se como um desafio, tanto para quem migra, como para quem fica assim como para os que os recebem no seu país (Bäckström & Castro-Pereira, 2012; Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento [PNUD], 2009).

Considera-se que um indivíduo que migra o faz sobretudo por questões económicas ou profissionais, distinguindo-se dos que se sentem forçados a migrar por fatores externos à sua vontade. Assim sendo, as migrações podem ser distinguidas entre voluntárias e forçadas. Na situação de migração voluntária, a decisão de migrar é tomada de livre vontade, geralmente em busca de melhores condições sociais e económicas para si e para os seus familiares. Por outro lado, nas migrações forçadas o elemento volitivo do deslocamento é inexistente e abrange situações de perseguição em função da raça, religião, nacionalidade, orientação e violação dos direitos humanos (Jubilut & Apolinário, 2010).

Os movimentos migratórios implicam reconfigurações das estrutura e da dinâmicas familiares e sociais, especialmente quando a necessidade de migração surge de forma forçada. Singer (1973, cit. por Calegari, 2016) aponta a migração como um processo coletivo, sendo que as motivações e implicações deste processo estão relacionadas com toda a família. Mesmo quando apenas um indivíduo migra há impacto sobre a família que ficou no país de origem, e quando os diversos membros da família migram há estratégias e riscos para todos dentro do processo migratório.

Portugal afigura-se tanto como país de origem como de destino, marcado pelas linhas da expansão europeia e do colonialismo. A mobilidade geográfica de muitos

madeirenses e portugueses, resulta da pressão do desenvolvimento económico das diversas áreas do espaço atlântico, pela abolição da escravatura e consequente substituição da mão-de-obra e pelo movimento desenvolvimentista resultante da independência de ex-colónias e da exploração de outros recursos como o petróleo (Nascimento, 2009). A Venezuela prenunciou desde logo uma prosperidade, tornando-se um dos países de eleição dos portugueses, sendo o segundo país da América Latina com um maior número de portugueses, estima-se que sejam cerca de 500 mil. Dessa população, 75% é natural da Região Autónoma da Madeira (RAM), havendo ainda alguns provenientes do Porto, dos distritos de Coimbra e de Aveiro (Gomes, 2001, 2009; Nascimento, 2009).

Apesar da Venezuela ser um dos países de eleição dos portugueses, e particularmente dos madeirenses que migram, nos últimos três anos tem-se vindo a verificar um fluxo migratório no sentido oposto, ou seja, a população portuguesa ou até mesmo os nativos residentes na Venezuela tem vindo progressivamente a decrescer, dadas as tensões políticas, económicas e sociais no país, deixando de ser portanto um país de chegada, mas sim de partida (Pena Pires, Pereira, Azevedo, Vidigal, & Moura Veiga, 2017). De acordo com a Agência Lusa (2019), cerca de 3.4 milhões de pessoas já abandonaram a Venezuela desde o início da crise política e económica e, só em 2018, 5000 venezuelanos saíram por dia do país. Ainda que não se possa considerar os migrantes venezuelanos como refugiados, em março de 2018, o Alto Comissariado das Nações Unidas emitiu uma orientação na qual incentiva “os Estados a considerar medidas de orientação para a proteção da permanência legal dos venezuelanos” nos países recetores.

Tendo em consideração que muitos destes migrantes têm uma dupla pertença cultural e identitária, construir um novo projeto de vida em Portugal é uma tarefa

exigente e nem sempre pacífica. De facto, a sua adaptação pode ser experienciada com algum sofrimento e mal-estar devido às duplas referências culturais por vezes contraditórias (Sampaio, 2014). No processo de adaptação, e conforme o nível de *stress* experienciado, os migrantes empregam estratégias, adaptativas ou não, para da melhor forma lidar com as adversidades, dando início a um processo de socialização e integração a uma nova cultura, alterando hábitos e atitudes, bem como esquemas de pensamento ou valores (Sampaio, 2014).

Os estudos sobre as migrações são essencialmente orientados para as implicações negativas sentidas por aqueles que migram, nomeadamente, os obstáculos na adaptação e/ou integração ao novo país e as várias perdas (e.g., laços familiares, língua, cultura, entre outros) que surgem com a sua partida. Ainda que estes processos estejam presentes e sejam relevantes, são poucos os estudos que têm dedicado atenção aos recursos mobilizados para ultrapassar esses obstáculos (Roberto & Moleiro, 2015).

A abordagem teórica da resiliência apresenta uma proposta complementar à perspectiva centrada nas adversidades. A noção básica deste conceito assume a existência de contextos adversos, porém centra-se nos recursos mobilizados para ultrapassar as adversidades em processos de ajustamento positivo (Luthar, Cicchetti, & Becker, 2000). A família, por seu turno, destaca-se como um sistema complexo, composto pela individualidade de cada membro e por subsistemas que se influenciam mutuamente (Relvas, 2006). A diversidade cultural poderá sustentar o reconhecimento positivo da diferença, mas poderá também, acentuar as diferenças entre as maiorias e minorias e desencadear atitudes de discriminação, racismo e exclusão (Ramos, 2009).

Partindo deste contexto, e atendendo à emergência deste fenómeno, é fundamental que a comunidade científica se debruce sobre o estudo das implicações destes movimentos migratórios, em particular dos migrantes luso-venezuelanos regressados a

Portugal nos últimos três anos. Assim sendo, este estudo procura articular os contributos teóricos da resiliência individual e do funcionamento familiar na compreensão das trajetórias de transição sociocultural e integração dos migrantes venezuelanos recém-chegados a Portugal.

PARTE I

Enquadramento teórico

Capítulo 1

Resiliência

O termo resiliência refere-se à adaptação e sobrevivência de um sistema após um período de adversidade, normalmente referido como o processo de restauração do seu equilíbrio ou como um processo de transformação para um novo estado funcional. Os indivíduos, como sistemas, podem ser referidos como resilientes quando demonstram padrões de adaptação ou recuperação em contextos de instabilidade e ameaça. Por outras palavras, o conceito de resiliência diz respeito à capacidade de um sistema dinâmico de se adaptar com sucesso a distúrbios que ameaçam a sua funcionalidade, desenvolvimento e estabilidade (Masten, 2001).

As situações de adversidade são inerentes ao desenvolvimento individual e familiar, sejam elas de cariz normativo (e.g., nascimento de um filho, entrada das crianças na escola) ou acidental (e.g., divórcio, doença, morte, catástrofes naturais) (Vangelisti, 2004). Não obstante, algumas destas situações provocam elevados níveis de *stress*, colocando em causa as estratégias de *coping* disponíveis para fazer face a estas adversidades. Por outro lado, quando as pessoas demonstram características de resiliência, conseguem aplicar estratégias de enfrentamento adequadas, permitindo que se ultrapasse a situação de modo positivo (Angst, 2009).

Fraser, Galinsky e Richman (1999), destacam três características dos sujeitos que demonstram resiliência num determinado momento/contexto: (1) capacidade para superar as probabilidades, isto é, ter sucesso apesar da exposição ao risco; (2) manter a competência em situações de pressão, adaptando-se com sucesso a situações de risco; e (3) recuperar do trauma, ou seja, ajustar-se com sucesso a eventos de vida negativos. Atendendo a estas características, o conceito de resiliência implica um funcionamento ótimo, que permita satisfazer as necessidades físicas, emocionais e afetivas num contexto de alto risco.

Da mesma forma, Masten, Gewirtz e Sapienza (2013), referem que o conceito de resiliência concerne à capacidade de um sistema dinâmico para suportar ou recuperar de desafios significativos que ameaçam a sua estabilidade e desenvolvimento. Subjacente a este processo existem duas condições: (a) a exposição a uma ameaça significativa ou adversidade severa, e (b) o alcance de uma adaptação positiva tendo em conta as adversidades vividas durante o seu percurso desenvolvimental (Anaut, 2005; Luthar et. al, 2000; Toland & Carrigan, 2011). Não é possível prevenir e evitar todas as ameaças, tornando-se imperativo compreender quais as possibilidades de proteção às adversidades e como promover um desenvolvimento positivo na presença de condições não tão favoráveis (Masten, 2001).

Segundo Garcia (2001) existem três tipos de resiliência: emocional, académica e social. A primeira concerne às experiências positivas que conduzem a sentimentos de autoestima, autonomia e autoeficácia, habilitando os indivíduos a superar mudanças e adaptações, alcançando um conjunto de estratégias de resolução de problemas. A resiliência académica envolve a escola como meio que possibilita a aprendizagem de estratégias de resolução de problemas com o auxílio dos vários agentes educativos. Por fim, a resiliência social, remete para aspetos relacionados com sentimentos de pertença, supervisão de pais e amigos, relacionamentos ou, por outras palavras, o contacto com modelos sociais que estimulam a aprendizagem de estratégias de resolução de problemas.

A resiliência engloba vários processos sociais e intrapsíquicos que viabilizam o desenvolvimento de uma vida saudável, mesmo vivendo num contexto altamente stressante (Rutter, 1987). Este processo resulta da combinação dos atributos do indivíduo e do seu ambiente familiar, social e cultural. Assim sendo, a resiliência não pode ser pensada como um atributo que nasce com o indivíduo ou que seja adquirido

durante o seu desenvolvimento. É, portanto, um processo interativo entre o sujeito e o seu meio, considerado como uma variação individual em resposta ao risco. Os fatores que provocam *stress* podem ser experienciados de maneira diferente pelos sujeitos, não sendo a resiliência um atributo fixo (Rutter, 1987).

Sendo inevitável a exposição a situações adversas durante o desenvolvimento, a questão recai no nível de intensidade da exposição ao risco e nos limites individuais de cada um. Assim, a visão subjetiva que um indivíduo tem sobre determinada situação determinará, ou não, a sua percepção de que poderá estar perante uma condição de risco. Por este motivo, uma situação pode ser tida como adversa por um indivíduo e não ter o mesmo significado para outro (Yunes & Szymanski, 2001). Os níveis de tolerância ao risco/*stress* variam em função da fase da vida em que ocorrem e conforme o acontecimento. Um indivíduo pode ser afetado por pequenas mudanças, outros por situações de maior intensidade, quando a exposição é prolongada ou ainda com o acumular de situações sucessivas do dia-a-dia (Savoia, 1999 cit. por Pesce, Assis, Santos, & Oliveira, 2004).

Tendo em consideração o que foi referido, a compreensão dos fatores de risco é importante na promoção de um desenvolvimento resiliente, no entanto, também os fatores protetores são importantes para o seu entendimento. Assim, os mecanismos de proteção internos do indivíduo ou do meio em que vive são considerados elementos cruciais para a compreensão da capacidade resiliente de cada indivíduo. Pesce et al. (2004) indicam três tipos de fatores protetores: (1) fatores individuais: temperamento social e flexível, resolução de problemas, capacidade para formar e manter relações positivas, autoestima positiva, autocontrolo, autonomia; (2) fatores familiares: coesão, estabilidade, respeito mútuo, apoio/suporte, relações positivas e (3) fatores relacionados ao apoio do meio ambiente: bom relacionamento com os pares, pessoas significativas

que assumam papel de referência, acesso a serviços de emergência, baixo nível de violência na comunidade, entre outros. (Wright & Masten, 2013)

Do ponto de vista familiar, a resiliência aponta para a capacidade da família, como um sistema, para suportar e recuperar de uma situação adversa. Por outras palavras, a forma como as famílias enfrentam os desafios da vida, como gerem o *stress* e se reorganizam terá influência de forma imediata e a longo-prazo a adaptação de cada membro da família (Walsh, 2016). Este construto será analisado com mais detalhe no capítulo seguinte.

Os fatores protetores têm a característica principal de provocar uma alteração da resposta do indivíduo relativamente ao risco. Rutter (1987), sugere que os mesmos possuem quatro funções essenciais: (1) diminuir o impacto dos riscos, (2) reduzir as reações negativas, (3) estabelecer e manter a autoestima e autoeficácia e (4) promover oportunidades para inverter os efeitos do risco/*stress*.

A eventualidade de migrar representa, apesar das dificuldades inerentes, um conjunto de oportunidades, à saída do país de origem e à chegada ao país de acolhimento (Coll e Magnuson, 2014). Desta forma, os estudos sobre os processos de resiliência nas migrações surgem da necessidade de compreensão para além do foco nas adversidades e pela procura de estratégias e recursos utilizados por estes indivíduos. De acordo com Coll e Magnuson (2014), as práticas culturais, processos sociais e a mudança das relações sociais têm implicações aquando da construção da resiliência na presença de adversidades, mais precisamente, em situações de migração forçada.

Os indivíduos cuja migração foi forçada estão perante um maior risco de desenvolver transtornos mentais (Siriwardhana, Roberts, & Stewart, 2014). No entanto, a resiliência, como anteriormente referido, define-se como a habilidade de um indivíduo se adaptar com sucesso ou recuperar de situações traumáticas, tem sido apontada como

o principal fator protetor. A resiliência individual e comunitária e o suporte social têm sido apontados como mediadores-chave entre a migração forçada e subsequente impacto na saúde mental (Siriwardhana, Roberts, & Stewart, 2014).

Segundo Alves e Tap (2004) os migrantes em situação de retorno utilizam o retraimento como estratégia de *coping*, observaram também o evitamento social, a falta de ação ou o facto procurarem ajuda quando já não controlam a situação. Os indivíduos que mais procuram ajuda informal (e.g. gabinetes de psicologia) são os migrantes universitários, no entanto utilizam a mesma estratégia de *coping*, isto é, o evitamento social (Sordes-Ader, Fsián, Esparbès, & Tap, 1996).

Alguns estudos têm evidenciado que baixos níveis de resiliência entre as populações migrantes podem prever o desenvolvimento de psicopatologia, e conseqüentemente, ter implicações na sua adaptação e integração (Siriwardhana, & Stewart 2013; Ziaian, de Anstiss, Antoniou, Baghurst & Sawyer, 2012). Deslocamento prolongado, idade avançada e a contínua exposição à adversidade parecem estar associados a baixos níveis de resiliência, por sua vez relacionados com a saúde mental (Siriwardhana e Stewart 2013). Contrariamente, condições socioeconómicas mais favoráveis, idades mais novas e suporte social têm sido associados a maiores níveis de resiliência e saúde mental, especialmente no que respeita a adolescentes de grupos refugiados (Siriwardhana & Stewart, 2013). Assim sendo, o construto da resiliência constitui-se como um elemento essencial de pesquisa epidemiológica e intervencionista com o objetivo de melhorar os resultados de saúde mental entre migrantes forçados (Siriwardhana, Roberts, & Stewart, 2014).

Capítulo 2

Família e funcionamento

A família é o primeiro contexto desenvolvimental do indivíduo e o mais significativo. É neste sistema que se experiênciam as primeiras relações interpessoais de cariz afetivo, que se fazem as primeiras aprendizagens e é lá que se inicia o desenvolvimento da personalidade. Parte significativa de cada um de nós desenvolver-se-á a partir das aprendizagens realizadas no plano familiar, especialmente através das relações com os pais e irmãos (Fernandes, Alarcão, & Raposo, 2007). O indivíduo e o sistema familiar evoluem em simultâneo e mudam reciprocamente, tornando a noção de co-evolução determinante (Bateson, 1987). Supõe-se que estas primeiras experiências relacionais determinem, em grande parte, as relações sociais posteriores. A etapa do ciclo vital da família desafia os indivíduos a efetuar transformações aquando de novas exigências (Fernandes, Alarcão, & Raposo, 2007).

A abordagem sistémica sugere que a família deve ser compreendida como um sistema, ou seja, como um todo composto por diferentes elementos e a sua interligação. Tal assunção pressupõe que se tenha em apreço alguns aspetos: a) a interdependência do comportamento de cada elemento na família, b) entender a parte e o todo, c) perceber que a análise da família não está confinada à análise dos seus elementos individuais, e, por fim, d) perceber que o todo familiar é também parte integrante de outros sistemas mais abrangentes (e.g., sistema sociocultural, económico, entre outros) (Relvas & Major, 2016; Fernandes et al., 2007). Para além disto, é necessário ter em conta a perspetiva desenvolvimental e co-evolutiva, relacionada com o conceito de sistema: a família desenvolve-se e complexifica-se ao longo do tempo, por meio de processos dinâmicos, recursivos, adaptativos, internos e externos (Relvas, & Major, 2016).

Segundo Cerveny e Berthoud (1997), as várias configurações familiares são definidas pela interdependência das características da estrutura, funcionamento e valores de cada família. Salientam ainda que a estrutura familiar se descortina a partir de dados objetivos que tornam este grupo tão único como o número de elementos, o sexo, a idade, a religião, o nível socioeconómico, a escolaridade, a nacionalidade e a profissão. Relacionadas com estes fatores, no processo de desenvolvimento familiar, as posições e os papéis dos elementos, são desafiados e colocados à prova no jogo interrelacional e intergeracional, pelo qual se constitui o funcionamento da família. O funcionamento familiar, portanto, é o que configura a dinâmica familiar, relações hierárquicas e de poder. É nos recursos da família, suporte social, qualidade das relações entre pais e filhos, clima emocional da família e estabilidade que residem os pré-requisitos para um funcionamento familiar bem-sucedido, ou seja, que permita a satisfação das necessidades básicas de cada um dos elementos que integra a família (Rudy & Grusec, 2001). A identificação e a procura de relações de apoio vão também sofrendo transformações ao longo do tempo, à medida que decorrem readaptações e reestruturações familiares (Minuchin, 1982; Wrzus et al., 2013).

Deste modo, o funcionamento familiar está intrinsecamente dependente da capacidade para lidar com acontecimentos adversos e superá-los de forma positiva (McCubbin & McCubbin, 1996 cit. por Seibel et. al 2017). A resiliência também em contexto familiar, como uma procura de aspetos saudáveis das famílias em contraponto às preocupações exclusivas sobre seus desajustes (Yunes, 2003). Para Walsh (2005), o que diferencia uma família de outra não é a ausência de problemas, mas sim a forma como esta lida com as dificuldades e a sua capacidade para resolvê-las. As crises, inclusive, podem auxiliar a família a desenvolver competências e recursos.

Olson (2000) apresentou o Modelo Circumplexo dos Sistemas Conjugais e Familiares. Este modelo integra três dimensões relevantes quando se tem em consideração uma família, são elas: a coesão familiar, a flexibilidade e a comunicação. A coesão familiar está relacionada com os laços familiares que são estabelecidos entre os membros familiares, alguns conceitos associados a esta dimensão prendem-se com laços emocionais, limites, tempo, espaço, amizades, interesses, entre outros. O foco desta dimensão centra-se na forma como a família equilibra a separação dos seus membros versus união. A flexibilidade familiar refere-se à quantidade de mudanças que ocorrem na sua liderança, relações e regras de relacionamento. Os conceitos específicos desta dimensão incluem liderança, disciplina, estilos de negociação, relacionamento de papéis e relacionamento regras, o seu foco está direcionado na forma como os sistemas familiares equilibram a estabilidade versus mudança. A terceira dimensão, que concerne à comunicação familiar, é considerada uma dimensão facilitadora. É fundamental para facilitar o movimento nas outras duas dimensões, e centra-se na capacidade de escuta ativa, empatia, respeito e consideração entre os membros (Olson, 2000).

Walsh (2005) aponta três domínios relacionados com a forma como as famílias percebem e superam uma adversidade: o sistema de crenças, os padrões de organização e a comunicação familiar. Todavia, não existe um modelo estático de resiliência familiar. Estes processos podem estar organizados e serem expressos de diferentes formas e níveis, considerando que dependem dos valores, recursos e desafios que se impõem a cada família. A rede de apoio social é apontada como um dos principais aspetos determinantes para a resiliência (Yunes, 2003). Assim sendo, possuir uma rede disponível para auxiliar na superação de crises que inevitavelmente ocorrerão ao longo da vida é fator de proteção para o desenvolvimento dos membros da família (Seibel et. al, 2017).

Acontecimentos normativos e não normativos têm efeitos variados na rede de apoio, tanto na sua estrutura como na percepção do apoio. Acontecimentos normativos podem fazer estender a rede pessoal social, enquanto que as situações não normativas parecem promover o contrário. As relações limítrofes, menos estáveis, tendem a ser as primeiras a ser dissolvidas, enquanto que as relações proximais tendem a se manter (Lang, 2004 cit. por Seibel et. al 2017).

De acordo com Walsh, (2016), a adaptação depende se o indivíduo migrou sozinho ou com membros da sua família ou comunidade. Aqueles que migram sozinhos, geralmente têm maior necessidade de se adaptar, por outro lado, as famílias que migram juntas, conseguem frequentemente preservar em grande parte a sua herança cultural. As famílias que permanecem dentro de uma vizinhança étnica, que trabalham e socializam com membros do seu grupo e aquelas cuja religião reforça os valores étnicos, provavelmente manterão a sua etnia por mais tempo comparativamente aos que vivem em ambientes heterogéneos (Walsh, 2016).

O processo migratório provoca de tal forma mudanças que alteram as interações e posições hierárquicas da família nuclear e estendida. Carter e McGoldrick (1995) apontam que a migração com filhos pequenos e em idade escolar desafiam o funcionamento familiar, uma vez que as crianças tendem a adaptar-se mais rapidamente que os pais. Tal por si só, pode alterar a dinâmica familiar, os filhos podem ter a função de apresentar uma nova cultura aos pais, uma vez que as crianças têm maior facilidade em aprender novos idiomas.

De acordo com um estudo de Quin (2008), quando a família vivencia um processo migratório com filhos adolescentes, existem algumas repercussões na dinâmica familiar, nomeadamente ao nível da comunicação, regras e limites. O choque entre culturas diferentes predispõe dificuldades quanto à formação da identidade étnica, observa-se

ainda um impacto na vida social, pois acaba por depender dos familiares em atividades que antes lhes eram quotidianas, emergindo por vezes sentimentos de insegurança, dependência e menor autonomia. Prado (2006) argumenta que a migração familiar com adolescentes pode desencadear conflitos na relação entre pais e filhos, especialmente pelo abandono da sua rede social e escolar. Além deste, vários autores apontam que a incompreensão da migração por parte dos filhos pode ter consequências no desempenho académico, na saúde mental, na autoestima e na satisfação (Vargas, 2009; Quin, 2008; Aksel, Giin, Irmak & Cengelci 2007).

Rahman (2009) aponta algumas implicações significativas da migração para as famílias: algumas mudanças nos papéis, melhor educação, cuidados de saúde e qualidade de vida, as mulheres quando ficam no país de origem tendem a assumir o papel outrora assumido pelos homens, além disto é possível encontrar situações em que as famílias tenham se separado. Calegari (2016) destaca ainda que as redes familiares facilitam as decisões, diminuem os riscos e influenciam as estratégias migratórias.

Num estudo desenvolvido por Deepak (2005), salienta-se o impacto das diferenças de comportamento, hábitos e modos de relacionamento entre culturas no sistema familiar. Surgiram questões relativas ao choque cultural, diferentes normas e regras de hierarquia nos relacionamentos, papéis esperados pelos cônjuges e filhos em contraste com o contexto de origem.

Capítulo 3

Transição psicossocial

O processo migratório, envolve ruturas espaciais e temporais, transformações a vários níveis, nomeadamente psicológicas, ambientais, biológicas, sociais, culturais, familiares e políticas, comprometendo a adaptação psicológica e social dos indivíduos e

das famílias (Ramos, 2009). Tal constitui um complexo processo, com consequências ao nível do desenvolvimento individual, social, profissional e da saúde física e psíquica. A migração não envolve apenas a deslocação espacial e não é, simplesmente, sinónimo de encontro cultural. O processo de adaptação à nova cultura, varia de indivíduo para indivíduo segundo os seus recursos psicológicos e sociais, as características, condições e políticas do país de acolhimento (Ramos, 2009).

Existem alguns conceitos básicos inerentes ao entendimento deste construto, nomeadamente a interculturalidade, a competência intercultural, a aculturação e o choque cultural. A interculturalidade concerne à partilha de conhecimentos, significados e experiências, ou seja, significa reconhecer, tolerar, descobrir o outro e as suas diferenças, no fundo um intercambio cultural (Walsh, 2005). A competência intercultural respeita à habilidade para relacionar a cultura de origem com a “nova” cultura e evitar mal-entendidos interculturais e situações conflituosas (Clouet, 2013). A aculturação é o processo mediante o qual as pessoas mudam como resultado do contacto com outra cultura (Berry, 2001). Por fim o choque cultural refere-se ao conjunto de reações, atitudes, comportamentos que a pessoa experimenta quando entra em contacto com outra cultura diferente, cujo grau varia entre os indivíduos (Oliveras, 2000).

Do ponto de vista existencial, esta é uma experiência altamente stressante, em que as referências espaciais e socioculturais necessitam ser reconstituídas. A partir da vivência com outra cultura, o indivíduo questiona a sua maneira de compreender a realidade e integra novas descrições e narrativas, ampliando novas possibilidades (Dantas, Ueno, Leifert, & Suguiur, 2010). Em alguns casos, é necessário recomeçar sem o domínio da língua, sem documentos que comprovem os seus conhecimentos e habilidades, sem todos os membros da família presentes, sem as referências culturais que até então caracterizavam a pertença do sujeito a um determinado grupo e com a

necessidade de criar novos hábitos repletos de sentidos e representações simbólicas (Martins-Borges, 2013).

Conforme Nathan (1994, citado por Martins-Borges, 2013), a cultura corresponde a um “mapa mental” que possibilita a cada elemento da sociedade movimentar-se, pensar e exercer algum tipo de funções, evitando medo e ansiedade. Assim sendo, o mundo interno (mundo psíquico) e o mundo externo (cultura) podem se comunicar, encontrar mutuamente um sentido, uma vez que possuem a mesma linguagem. Entende-se a cultura como lugar de construção da linguagem simbólica do sujeito - que inclui também a língua - e como parte integrante de seu desenvolvimento psíquico (Martins-Borges, 2013).

Quando um indivíduo entra em contacto pela primeira vez com uma nova cultura ocorre um choque cultural. Existem aspetos dessa “nova” cultura que podem surpreender positivamente e outros negativamente. Esta visão pode ou não se modificar a medida que se vai conhecendo e, portanto, aprofundando mais esse novo mundo (Oliveras, 2000).

Segundo o ponto de vista afetivo, é possível que o sujeito experiencie emoções como medo, desconfiança, incómodo, ansiedade e insegurança. Relativamente às questões cognitivas, pode experienciar um conflito entre o seu conhecimento do mundo e os marcos de conhecimento, os valores ou interpretações da “nova” cultura. As etapas do choque cultural são: 1) euforia, 2) choque cultural, 3) stress cultural e 4) assimilação ou aceitação, este processo depende de cada sujeito em termos de duração (Oliveras, 2000).

Berry (1992) desenvolveu um modelo bi-dimensional de adaptação e aculturação. Este modelo considera tanto novas culturas como as culturas originais, ou seja, o grau em que as pessoas mantêm a sua herança cultural e identidade e o grau em

que as pessoas procuram se envolver na nova sociedade. O nível de pertença e ligação à cultura de origem e à nova cultura variam entre quatro categorias: assimilação, separação, marginalização e integração. A assimilação ocorre quando os indivíduos rejeitam a sua cultura de origem e aceitam a cultura de acolhimento. Contrariamente, na separação, os indivíduos respondem positivamente à nova cultura e negativamente com o contacto intercultural. A integração ocorre quando os indivíduos desenvolvem laços com ambas as culturas, desenvolvendo uma identidade bicultural. Finalmente, a marginalização refere-se ao distanciamento com os dois grupos culturais (Berry, 1992; Abbasi-Shavazi, & Sadeghi, 2015).

Existem alguns fatores que facilitam a adaptação, nomeadamente as experiências culturais, ou seja, o facto de se viajar com frequência e conhecer pessoas de outras culturas proporciona maior entendimento de como o mundo funciona, o nível de escolaridade e o plurilinguismo (Berry, 1992; Oliveras, 2000). Quanto maior a distância entre a cultura de origem e a “nova” cultura maior será o choque cultural. No entanto, a reação do indivíduo tende a ser condicionada por fatores pessoais (*e.g.*, personalidade, atitude, conhecimentos prévios, experiência em situações de comunicação intercultural ou as expectativas construídas em torno da cultura) e por fatores ambientais. Além destes fatores, importa ainda ressaltar a importância do tempo de permanência no país estrangeiro, bem como o estabelecimento de vínculos profissionais e pessoais com membros da nova cultura e a frequência de encontros com membros da sua cultura de origem (Oliveras, 2000). Os processos de adaptação ao novo contexto podem ser influenciados de forma positiva se se emigra para um local no qual se tem familiares e amigos, se se fala o mesmo idioma e se se tem facilidade em obter emprego. Por outras palavras, o processo de adaptação cultural torna-se menos difícil se o país para o qual se emigra não tem grandes diferenças culturais com o país de origem (Calegari, 2016).

Ríos (2008) aponta que as variáveis que mais influenciam um processo migratório são a idade, o gênero, a profissão, o nível de escolaridade, as condições de migração, o domínio da língua e as experiências culturais. De acordo com Tseng (2001, cit. por Ríos, 2008), o nível de escolaridade e a experiência profissional parecem ter influência na adaptação. Além disto, não corresponder às expectativas e não atingir o sucesso esperado tem um grande impacto na autoestima, ainda mais se os seus níveis de escolaridade e aptidões profissionais são superiores à função desempenhada no país de acolhimento. Mais especificamente, os migrantes com maiores níveis acadêmicos são os que apresentam maior dificuldade em encontrar um trabalho que os satisfaça.

Num estudo desenvolvido por López e Contreras (2005) com mulheres porto-riquenhas nos EUA, concluiu-se que a biculturalidade, isto é, o envolvimento em duas culturas, e o plurilinguismo estão significativamente relacionados com o ajustamento psicológico e cultural. As mulheres envolvidas nas duas culturas apresentaram maiores níveis de adaptação que mães envolvidas em apenas uma das culturas. As mulheres que interagem e comunicam simultaneamente com membros da nova cultura e com a cultura de origem evidenciam maiores níveis de autoeficácia e ajustamento e conseqüentemente menos sentimentos de solidão e isolamento.

Num estudo desenvolvido por Morrison e James (2009) com famílias açorianas que se moveram para o Canadá, concluiu-se que a reflexão sobre as mudanças culturais se inicia quando as famílias deixam a sua terra natal, as mulheres sentem mais intensamente a separação com a família e tentam preservar os seus aspetos culturais de origem, particularmente no que se refere à gastronomia. No entanto, na segunda geração, ocorre uma adaptação cultural mais rapidamente e as crianças tendem a esquecer a língua portuguesa à medida que crescem.

Parte II
Estudo Empírico

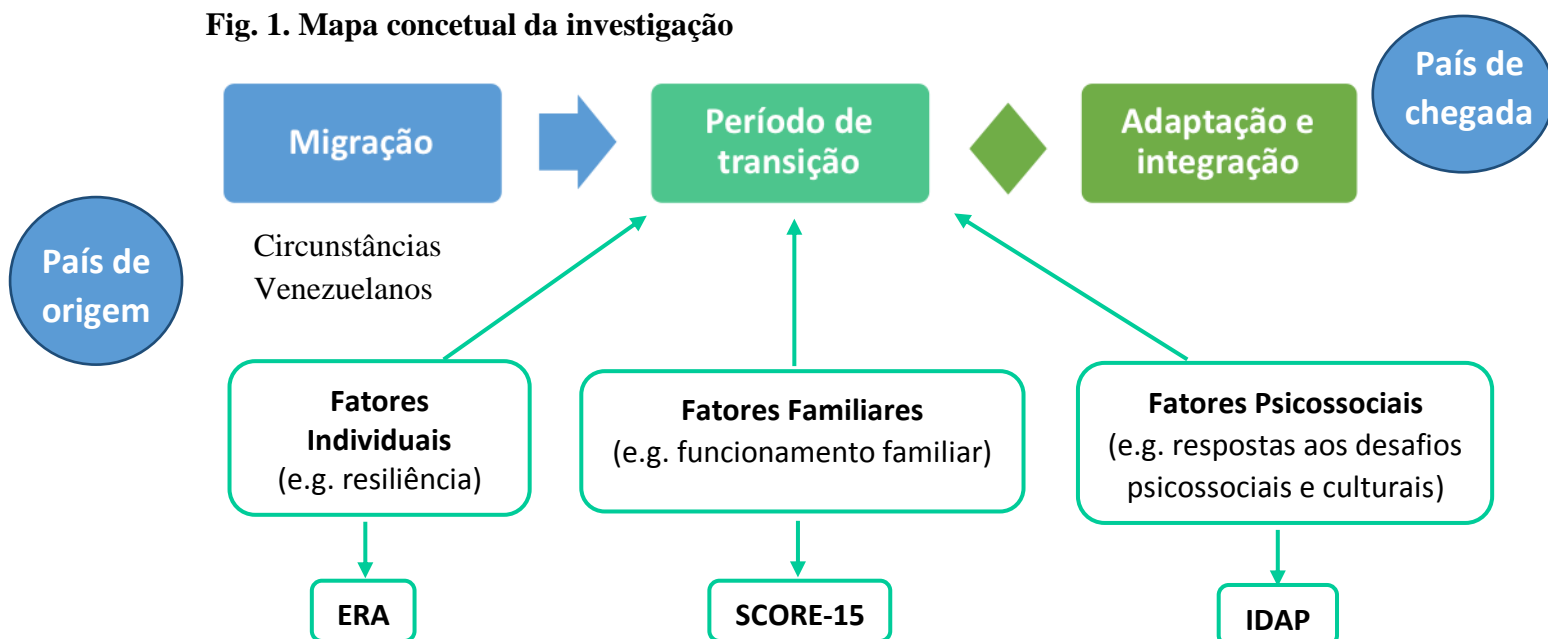
Capítulo 1

Metodologia e objetivos

A presente investigação tem como objetivo principal a análise do funcionamento familiar, da resiliência individual e da transição psicossocial numa amostra de indivíduos migrantes oriundos da Venezuela, chegados a Portugal entre seis meses a três anos e meio. Pretende-se estudar a vinda destes sujeitos, sob uma perspetiva macro, meso e micro sistémica, de modo a descrever e caracterizar alguns dos processos individuais e familiares que concorrem para a forma como os indivíduos respondem aos desafios desta transição e que podem ser promotores de uma adaptação bem-sucedida a novos tempos, espaços e relações.

Foi possível conceber um modelo concetual acerca destes construtos. Em função das circunstâncias em que ocorrem a migração, existe sempre um período de transição, marcado pela influência de fatores individuais (e.g. resiliência), familiares (e.g. funcionamento) e psicossociais (e.g. respostas perante os desafios psicossociais e culturais). A forma como os sujeitos respondem perante estes desafios durante o período de transição pode ter influência na adaptação e integração à nova realidade. Este modelo encontra-se explicitado na figura 1.

Fig. 1. Mapa concetual da investigação



Desta forma, os objetivos específicos do presente estudo são:

1. Descrever e caracterizar a percepção do funcionamento familiar, da resiliência individual e percepção das respostas à transição sociocultural de migrantes lusovenezuelanos;
2. Analisar a relação entre a dimensão do planeamento do futuro, da resiliência (ERA), e as dimensões das respostas dos indivíduos aos desafios da transição psicossocial (IDAP);
3. Explorar a relação entre a percepção de funcionamento familiar (SCORE-15) e as respostas aos desafios da transição psicossocial (IDAP);
4. Analisar a influência das variáveis sociodemográficas sobre as respostas aos desafios da transição psicossocial (IDAP), nomeadamente, a idade, a profissão e a situação laboral.

Para cumprir os objetivos acima descritos, a presente investigação segue uma abordagem quantitativa, com vista a sumariar, de forma numérica, grandes quantidades de informação com o objetivo de obter descrições, relações e explicações estatísticas (Coolican, 2004). Trata-se, portanto, de um plano não experimental por inquérito, transversal, dado que não existe manipulação das variáveis e os dados de todas as variáveis são recolhidos num único momento no tempo (Coutinho, 2011; Johnson & Christensen, 2008).

Participantes e amostra

O presente estudo segue o método de amostragem não probabilística, tendo em conta que se pretende extrair uma amostra na qual se encontrem características conhecidas da população. A sua extração não é aleatória, dado que as amostras que resultam destes métodos baseiam-se em critérios práticos ou teóricos ao invés de em

critérios probabilísticos. Ainda assim, é possível referir que a recolha da amostra se realizou por método “bola de neve”, ou seja, identificaram-se potenciais participantes, atendendo às características de inclusão na amostra (1) possuir nacionalidade venezuelana, portuguesa ou ambas, (2) estar em Portugal há pelo menos seis meses e não mais que três anos e meio e (3) ter idade superior a 18 anos, e solicitou-se que viabilizassem o acesso ou contacto a outros participantes. Por outras palavras, os elementos da amostra são recrutados através de uma referência em cadeia e estas etapas são repetidas até que o tamanho de amostra necessário seja encontrado (Coutinho, 2011; Johnson & Christensen, 2008).

Deste modo, constituiu-se uma amostra total de 105 participantes, dos quais 88.6% (n = 93) dos inquiridos regressou há pelo menos um ano e dois anos e meio a Portugal. Refira-se que 64.8% (n = 68) dos elementos da amostra são do sexo feminino, perfazendo os restantes 35.2% (n = 37) os elementos do sexo masculino. Esta amostra possui uma média de idades de 37 anos e um desvio-padrão de 12 anos, verificando-se que o maior número de sujeitos se situa na faixa etária dos 18 aos 30 anos, correspondendo a 35.2% (n = 37) da amostra, seguindo-se a faixa etária dos 31 aos 40 anos detentora de 31.4% (n = 33) da amostra. Podemos concluir que se trata de uma amostra tendencialmente jovem com uma amplitude de idades que assume os valores dos 18 aos 72 anos. No que diz respeito à nacionalidade, 67.6% (n = 71) da amostra possui dupla nacionalidade, 25.7% (n = 27) dos inquiridos possui nacionalidade Venezuelana e os restantes 6.7% (n = 7) correspondem aos sujeitos com nacionalidade Portuguesa. Quanto à situação relacional, 66.7% (n = 70) dos participantes encontram-se casados ou em união de facto e 33.3% (n = 35) são solteiros; 53.3% (n = 56) dos inquiridos não tem filhos e que cerca de 90% (n = 94) fez o seu processo de migração acompanhado por familiares. Relativamente à escolaridade, mais de metade da amostra

tem formação superior, nomeadamente, 54% (n= 57) são licenciados, 11% (n = 12) têm mestrado e 4% (n = 4) são doutorados. Neste seguimento, 38% (n = 40) da amostra encontra-se empregada a tempo integral, no entanto, 33% (n = 35) encontra-se desempregada. Dos que se encontram a trabalhar quer a tempo parcial ou a integral, apenas 20% (n = 21) desempenha o mesmo tipo de funções que na Venezuela. É de destacar que cerca de 20% da amostra nunca tinha vindo à Madeira, ainda assim, 88% (n = 92) tem familiares no arquipélago e 94% (n = 99) tem familiares noutros destinos. Finalmente, os principais motivos apontados de saída da Venezuela foram a insegurança com 86% (n = 90), questões políticas com 41% (n = 43) e escassez de alimentos com 47% (n = 49). A caracterização da amostra pode ser consultada com mais detalhe na Tabela 1.

Quadro 1

Caracterização sociodemográfica da amostra

	n	%	<i>M</i>	<i>DP</i>
Tempo				
1 ano – 2 anos e meio	93	88.6	1.16	
Menos de 1 ano	7	6.7		
Mais de 2 anos e meio	5	4.8		
Sexo				
Feminino	68	64.8		
Masculino	32	35.2		
Idade (anos)				
18 – 30	37	35.2		
31 – 40	33	31.4	37	12
41 – 50	19	18.1		
51 – 75	16	15.2		
Situação relacional				
Solteira(o)	27	25.7		
Numa relação	16	15.2		

Casado(a)/ União de facto	54	51.4
Divorciado/ Separado	6	5.7
Viúvo	2	1.9
Escolaridade		
Primária	1	1
Secundária	29	27.6
Licenciatura	57	54.3
Mestrado	12	11.4
Doutoramento	4	3.8
Outro	2	1.9
Situação laboral		
Estudante	13	12.4
Part-time	13	12.4
Full-time	40	38.1
Desempregado	35	33.3
Reformado	2	1.9
Outro	2	1.9
Motivo		
Económico	42	40
Regressar ao país de origem	5	5
Insegurança	90	86
Político	43	41
Saúde	34	32
Escassez de alimentos	49	47

Instrumentos

Os dados do presente estudo foram recolhidos através de diferentes instrumentos de medida incluídos num único protocolo aplicado em dois formatos: (a) online e (b) papel e lápis. O protocolo inclui: questionário de dados sociodemográficos, Escala de Resiliência para Adultos (ERA) adaptação portuguesa de Pereira, Narciso e Canavarro, 2011, e versão original *Resilience Scale for Adults* (RSA) de Hjemdal, Friborg,

Martinussen e Rosenvinge, 2001; *Systemic Clinical Outcome Routine Evaluation* (SCORE-15) versão portuguesa: Vilaça, Silva e Relvas, 2014; versão espanhola: Rivas & Pereira, 2013) versão original: Stratton, Bland, Janes & Lask, 2010; e o *Inventory of Dimensions of Emerging Adulthood* (IDEA-8, versão original: Reifman, Arnett & Colwell, 2007; versão portuguesa: Prioste, Balatel, & Paulino, 2017), neste caso adaptado para população migrante.

Questionário de dados Sociodemográficos

O questionário de dados sociodemográficos coloca questões relacionadas com idade, nacionalidade, escolaridade, profissão atual e anterior à migração, estado civil, número de filhos, motivos que levaram à sua saída da Venezuela, quantos anos viveu na Venezuela, com que frequência vinha à Madeira, entre outras. A maioria das questões é de resposta curta ou de escolha múltipla.

Escala de Resiliência para Adultos (ERA)

A Escala de Resiliência para Adultos (ERA) foi publicada originalmente em 2001 por Hjemdal, Friborg, Martinussen, e Rosenvinge, na Noruega (Resilience Scale for Adults) e foi adaptada e validada para a população portuguesa por Pereira, Narciso e Canavarro em 2011.

Este instrumento é um questionário de autorresposta concebido para avaliar diversas dimensões da resiliência. É uma escala composta por trinta e três itens, organizados em seis fatores ou dimensões: Perceção do *Self*, Planeamento do Futuro, Competências Sociais, Coesão Familiar, Recursos Sociais e Estilo Estruturado. A subescala Perceção de *Self*, é constituída por seis itens e procura avaliar a confiança nas próprias capacidades e julgamentos, autoeficácia e expetativas realistas. O Planeamento do Futuro, engloba quatro itens e considera a capacidade de planeamento, de ter uma

visão otimista e de se orientar segundo objetivos claros e alcançáveis. A terceira subescala, que respeita às Competências Sociais, integra seis itens e visa avaliar a flexibilidade em interações sociais, a capacidade de estabelecer novas amizades, sentir-se à vontade em ambientes sociais e o uso positivo do humor. O Estilo Estruturado, composto por quatro itens, avalia a capacidade de ter e seguir rotinas, de organização do próprio tempo, e a preferência por objetivos e planos claros antes da realização das atividades. A Coesão Familiar é constituída por seis itens e analisa se os valores são partilhados ou dissonantes na família, se apreciam passar tempo em conjunto, se têm uma visão otimista do futuro, se são leais uns com os outros e se têm um sentimento de apreciação e apoio mútuo. A última subescala refere-se aos Recursos Sociais, e considera a disponibilidade de apoio social, se existe uma pessoa confiante fora do núcleo familiar e se existem pessoas a quem recorrer fora da família caso seja necessário. Cada questão é cotada de 1 a 7, porém, 17 dos 33 itens devem ser invertidos para que as pontuações mais elevadas correspondam a maiores níveis de resiliência (Pereira, Cardoso, Albuquerque, Janeiro & Alves 2016).

Os coeficientes alfa de Cronbach para a consistência interna obtidos no estudo de validação e adaptação para a população portuguesa, variam entre .61 (estilo estruturado) e .84 (competências pessoais) e para o total dos itens, um alfa de Cronbach de .90. Relativamente à estabilidade temporal, os valores da correlação teste-reteste variam em .79 (coesão familiar) e .93 (competências sociais) (Pereira, Cardoso, Albuquerque, Janeiro & Alves 2016).

No presente estudo, a partir da análise dos valores de consistência interna, obteve-se um alfa de Cronbach de .89 para o total dos itens da escala. As dimensões da escala apresentam coeficientes que variam entre .46 (competências sociais) e .80

(percepção de self). No entanto, neste estudo só será analisada a subdimensão planeamento de futuro, que apresenta um alfa de Cronbach de .70.

Systemic Clinical Outcome Routine Evaluation-15 items (SCORE-15)

A escala *Systemic Clinical Outcome Routine Evaluation-15* (SCORE-15) foi originalmente desenvolvida em 2010 por Stratton, Bland, Janes e Lask, em Inglaterra, tendo sido validada para a população portuguesa por Vilaça, Silva e Relvas, 2014. No presente estudo foi utilizada a versão castelhana, da autoria de Rivas e Pereira (2013).

O SCORE-15 é um questionário de autorresposta composto por 15 itens, pontuados numa escala de tipo Likert (1 = totalmente de acordo a 5 = discordo totalmente), que se subdividem em três subescalas/dimensões: recursos familiares, comunicação na família e dificuldades familiares. Para efeitos do presente estudo, inverteu-se a escala de resposta, passando a opção 1 significar discordo totalmente e 5 totalmente de acordo. A dimensão dos recursos familiares, é composta por cinco itens e concerne aos recursos e à capacidade de adaptação da família; a segunda dimensão, também composta por cinco itens, avalia a comunicação no sistema familiar; por último, a dimensão referente às dificuldades familiares, com cinco itens, avalia a sobrecarga das dificuldades no sistema familiar (Vilaça, Silva, & Relvas, 2014). A pontuação total pode variar entre 15 e 75.

Embora a versão utilizada seja a tradução para o castelhano, os valores de referência para a análise do instrumento serão os portugueses. Assim sendo, nos estudos de tradução da escala para a população portuguesa, foi utilizada uma amostra de 513 indivíduos, na qual a escala total apresenta uma boa consistência interna com um alfa de Cronbach de .84, a subdimensão recursos familiares apresenta um alfa de .85, a comunicação na família um alfa de .83 e por último as dificuldades familiares um alfa de .82 (Vilaça, Silva, & Relvas, 2014). No presente estudo, os coeficientes alfa de

Cronbach para a consistência interna obtidos para a dimensão relativa às dificuldades familiares aponta um valor de .30, a comunicação na família um alfa de .80 e os recursos familiares um alfa de .84 e para o total dos itens, um alfa de Cronbach de .87. Tendo em consideração que se apresentam alguns valores abaixo do esperado, qualquer valor significativo associado necessita ser avaliado com cautela.

Inventory of Dimensions of Emerging Adulthood (IDEA-8)

Com o intuito de analisar as respostas dos indivíduos diante dos desafios da transição sociocultural, foi utilizado o IDEA-8, *Inventory of Dimensions of Emerging Adulthood*, em português designado Inventário das Dimensões da Adulterez Emergente (Baggio Iglesias, Studer & Gmel, 2015; Reifman, Arnett, & Colwell, 2007). A tradução da escala para o português foi realizada em 2017 por Prioste, Balatel e Paulino. Este questionário é composto por oito itens e procura avaliar os processos psicológicos relacionados com experiências no período de transição para a vida adulta. É pedido aos participantes que pensem na sua vida ao longo de um período de cerca de cinco anos, tendo o momento presente como ponto intermédio e que, assinalem a alternativa que melhor representa o período atual das suas vidas, segundo escala de Likert de quatro pontos (1 = Discordo fortemente a 4 = Concordo fortemente).

Os oito itens estão distribuídos por quatro dimensões: (1) exploração de identidade, com dois itens associados à exploração da identidade em diferentes áreas da vida à medida que se estabelecem compromissos e que a pessoa se autodefine; (2) experimentação/possibilidades, que inclui dois itens associados ao período otimista em que são exploradas diversas oportunidades e possibilidades; (3) negatividade/instabilidade, com dois itens orientados para a perceção de instabilidade e sobrecarga associada aos desafios experienciados; (4) e sentimento de ambiguidade que inclui dois itens referentes à perceção de si ambígua, isto é, na tendência de que os

adultos emergentes não se sintam adolescentes nem adultos (Baggio, Iglesias, Studer & Gmel, 2015; Reifman, Arnett & Colwell, 2007). No estudo de tradução da escala para a população portuguesa, fizeram parte 231 indivíduos e, observaram-se os seguintes valores: Experimentação/Possibilidades: $\alpha = .67$, Negatividade/Instabilidade: $\alpha = .84$, Exploração da Identidade: $\alpha = .70$, Sentimento de Ambiguidade: $\alpha = .72$ (Prioste, Balatel, & Paulino, 2017).

Apesar deste instrumento se destinar a adultos emergentes, e considerando que a maior parte dos itens coloca questões que remetem para a perceção perante os desafios de transição para a adultez emergente (e.g., “considera este período da sua vida como um tempo de muitas possibilidades”), considerou-se a sua pertinência e adequação ao presente estudo dado que os participantes se encontram, precisamente, a passar por um processo de transição e adaptação e pretende-se obter a perceção dos sujeitos em relação aos desafios da transição. Além disto, os autores da versão portuguesa concederam uma autorização para utilizar o instrumento com esta finalidade em específico. Assim sendo denominamos, o instrumento como Inventário das Dimensões da Adaptação Psicossocial (IDAP). Ainda assim, através da análise da validade facial entre a equipa de investigação verificou-se prudente a substituição de dois itens, nomeadamente o item 7 (“... um tempo em que se sente adulta/o nalguns aspetos mas não noutros?”) para “... um momento em que me sinto culturalmente mais adaptado ao novo país, em comparação a outros tempos?” e o item 8 (“... um tempo em que gradualmente se torna um/a adulto/a?”) para “...um momento em que me sinto, de forma gradual, mais adaptado ao país”.

Em vez de ter sido feita uma análise descritiva das respostas a cada item, optou-se por verificar se o conjunto dos 8 itens poderiam ser eventualmente tratados como uma escala de medida das representações dos sujeitos aos desafios da transição.

Segundo apontam Reis e Moreira (1993), quando a análise individual deste tipo e número de questões se torna morosa e repetitiva pode optar-se pela análise fatorial de componentes principais (AFCP), este método permite reduzir a informação recolhida, simplificar a sua interpretação e ainda detetar as correlações entre as variáveis.

Para realizar este tipo de análise psicométrica é necessário o estudo de dois aspetos: a validade, ou seja, a análise da dimensionalidade do conjunto de questões e a fidelidade, que remete para a análise da consistência interna (Almeida & Freire, 2000). Num primeiro momento, apresentam-se os dados relativos à análise da validade e só, num segundo momento, se referem aos valores da consistência interna.

A análise da validade implica averiguar se um grupo de itens mede de facto os parâmetros/pressupostos que é suposto medir, por outras palavras, se os itens medem ou não o mesmo conceito. Nas escalas a validade pode então ser medida indiretamente pela análise fatorial. A análise fatorial de componentes principais (AFCP) encontra grupos de variáveis inter-relacionadas que, se fortemente associadas, estarão provavelmente a medir vários aspetos do mesmo construto (SPSS, 1998). Tendo em consideração que a escala inicial não foi expressamente construída para este fim, estuda-se a dimensionalidade da escala e a relação das variáveis, em vez de partir de um pressuposto teórico de que um conjunto de itens parece estar a avaliar um mesmo construto.

Seguindo um procedimento habitual em análises deste tipo (Almeida & Freire, 2000, 2007; Reis & Moreira, 1993; SPSS, 1998), foi realizada uma AFCP forçada a 4 quatro fatores, de onde foram extraídos 4 quatro fatores, a que se seguiu um processo de ortogonalização desses fatores pelo método varimax, de modo a, maximizar os coeficientes que relacionam as variáveis com os fatores, cuja matriz de correlações, de acordo com a estatística de Kaiser-Meyer-Olkin ($KMO = .605$) e o teste de esfericidade

de Bartlett [$\chi^2 (28) = 340,314, p = .000$], apresenta condições de aplicabilidade da AFPCP (Reis, 1997).

A análise fatorial realizada a este conjunto de 8 oito itens permitiu a extração de 4 quatro componentes principais, de acordo com o critério de Kaiser (valores próprios superiores a 1), que no seu conjunto explicam 85.50% da variância total. Seguidamente procedeu-se a uma rotação dos fatores encontrados através do método oblimin varimax.

No quadro 2 podem-se verificar todos os componentes encontrados e as componentes retidas, o respetivo valor próprio ou *eigenvalue*, e a percentagem de variância explicada por cada uma delas, antes e depois da rotação dos eixos fatoriais. Após a rotação, as percentagens de variância explicadas por cada fator tendem-se a aproximar.

Quadro 2

Valores próprios de cada componente e variância total explicada antes e depois da rotação

Componente principal	Solução inicial			Solução após rotação		
	Total	% de variância	% de variância cumulativa	Total	% de variância	% de variância cumulativa
1	2,552	31,906	31,906	2,552	31,906	31,906
2	2,076	25,945	57,851	2,076	25,945	57,851
3	1,271	15,890	73,741	1,271	15,890	73,741
4	,941	11,766	85,506	,941	11,766	85,506
5	,484	6,045	91,551			
6	,268	3,353	94,905			
7	,224	2,796	97,701			
8	,184	2,299	100,000			

No quadro 3 apresentam-se as cargas fatoriais obtidas após a rotação oblimin dos fatores, que informam quais os itens e como estes se agrupam em cada uma das componentes retidas, ou seja, como se associam a cada fator.

Quadro 3

Matriz dos pesos factoriais (loadings) depois da rotação

Itens	Componente 1	Componente 2	Componente 3	Componente 4
1	.907			
2	.860			
3		.945		
4		.932		
5			-.971	
6			-.568	
7				.955
8				.942

Em cada fator encontram-se itens com saturações fatoriais significativas (valores superiores a 0,50) para poderem ser consideradas bons indicadores das componentes encontradas, embora em psicologia e em educação se possam considerar por vezes a partir de 0,30 (Almeida & Freire, 2000, 2007).

Tendo em consideração os itens que se encontram associados a cada fator propõe-se agora a sua identificação e interpretação. O fator 1 foi interpretado como experimentação de possibilidades, com dois itens associados que se referem ao período otimista em que são exploradas diversas oportunidades e possibilidades; o fator 2, como negatividade e instabilidade, com dois itens associados que remetem para a sobrecarga associada aos desafios experienciados; o fator 3 como exploração de identidade com itens associados que remetem para um momento em que se estabelece compromissos e de autodefinição e por fim, o fator 4 foi interpretado como transição sociocultural com

dois itens associados que remetem para as respostas dos indivíduos em relação aos desafios da transição/integração sociocultural.

A fidelidade dos resultados indica o grau de confiança que podemos ter nos dados, ou mais especificamente, traduz-se no grau de coerência e uniformidade existente entre as respostas dos sujeitos a cada um dos itens, ou seja, a consistência interna (Almeida & Freire, 2000, 2007). No contexto desta investigação, tendo em conta as características dos dados (escalas de *likert*) e o procedimento utilizado (uma só aplicação do questionário), a consistência interna foi medida através do cálculo do coeficiente Alpha de Cronbach (Almeida & Freire, 2000, 2007). No quadro 4 apresenta-se detalhadamente o valor do coeficiente para cada uma das quatro dimensões.

Quadro 4

Coefficientes da consistência interna

	Nº de itens	Alfa de Cronbach
Fator 1 – Experimentação/ possibilidades	2	.758
Fator 2 – Negatividade/ instabilidade	2	.870
Fator 3 – Exploração da identidade	2	.566
Fator 4 – Transição sociocultural	2	.897

Procedimentos de recolha e análise de dados

O presente estudo insere-se numa investigação mais abrangente designada “Comunidade Luso-Venezuelana em Portugal: Perspetiva macro, meso e micro sistémica dos processos de adaptação dos movimentos migratórios”. Este projeto inclui vários estudos cuja intenção se debruça na análise do funcionamento familiar, os processos identitários e as narrativas/histórias de adaptação dos migrantes luso-venezuelanos recém-chegados a Portugal e o impacto das tecnologias de informação e comunicação (TIC) nas redes sociais pessoais de migrantes antes e depois da migração. De modo a conceber este objetivo foi construído um protocolo com vários instrumentos de medida e um questionário sociodemográfico, os quais incluem os já acima descritos.

A versão castelhana dos instrumentos utilizados foi desenvolvida tendo por base o método de tradução-retroversão proposto por Brislin (1986). Deste modo, numa primeira fase, foi pedida autorização a cada autor para a aplicação dos instrumentos (no caso da escala SCORE-15 foi solicitado aos autores a versão castelhana já existente). Posteriormente, seguiu-se o processo de tradução-retroversão: a versão em língua portuguesa da escala foi traduzida para castelhano por investigadores afetos a este estudo; em seguida, a versão resultante em castelhano foi objeto de retroversão para a língua portuguesa por um investigador com conhecimentos avançados nas duas línguas, com experiência prévia neste tipo de tarefas, de forma a confirmar a equivalência semântica de ambas as versões (Brislin, 1980, 1986). Numa fase subsequente, procedeu-se à execução de um estudo piloto, submetendo a aplicação do protocolo a três indivíduos com conhecimento da língua castelhana, não pertencentes à amostra final, no sentido de averiguar se o conteúdo dos itens se revelava compreensível e verificar a necessidade de alterações. De modo geral, o *feedback* recolhido permitiu assegurar a equivalência entre as duas versões, sendo apenas necessário efetuar pequenas alterações nalguns itens da escala.

A consecução bem-sucedida das etapas acima descritas permitiu avançar para a implementação do protocolo na amostra definitiva. Importa frisar, a este propósito, que o protocolo foi aplicado aos participantes em diferentes formatos, nomeadamente em papel e lápis ($n = 64$) e *online* ($n = 41$), de modo que foi garantida a confidencialidade das respostas obtidas. O processo de recolha de dados iniciou-se pela divulgação do questionário *online* e o contacto com potenciais participantes, a partir daí era solicitado a cada participante o contacto com outras pessoas que pudessem integrar o estudo. O contacto com os participantes foi estabelecido maioritariamente a partir de grupos no Facebook, o contacto com entidades responsáveis pelos migrantes e por cursos de

português. A maioria dos protocolos recolhidos foram preenchidos sem a presença dos investigadores.

Capítulo 2

Apresentação e leitura dos resultados

Posteriormente, para efeitos de análise e teste das hipóteses, os dados recolhidos foram introduzidos no software de análise estatística *Statistical Package for the Social Science* (SPSS – versão 25®).

A análise da normalidade da distribuição e da homogeneidade das variâncias indicou que as condições foram satisfeitas para a variável funcionamento familiar. As restantes variáveis, resiliência individual e transição sociocultural apresentaram significância estatística, ou seja, existiu violação dos critérios de normalidade. No entanto, tal poderá ocorrer em amostras grandes e, atendendo a isso e ao facto da amostra deste estudo ser constituída por um número superior a 30 participantes, as análises utilizadas basearam-se em medidas paramétricas, especificamente a correlações de Pearson, teste t-student e ANOVA *One-Way* (Pallant, 2010). Importa ainda ressaltar que se utilizou o nível de .05 para a avaliação da significância dos testes estatísticos, pelo que, são estatisticamente significativos os resultados cujo *p-value* seja igual ou inferior a esse valor.

Objetivo 1: Descrever o funcionamento familiar, a resiliência individual de migrantes lusovenezuelanos e a sua transição sociocultural

Este objetivo foi alcançado por meio da análise descritiva de cada escala. Deste modo, os valores obtidos são da mesma grandeza que as respostas originais, o que facilita a sua leitura e interpretação (SPSS, 1998).

Quanto à escala do ERA, referente à resiliência individual, obteve-se a média de 5.11. Tendo em conta que as respostas se poderiam situar entre 1 e 7, este valor médio parece indicar que as respostas dos sujeitos apontam para uma boa perceção de resiliência nas suas várias dimensões. Este resultado vai de encontro ao resultado obtido no estudo de tradução. Ainda assim é possível referir que a dimensão com maior média da escala refere-se aos Recursos Familiares e por sua vez a dimensão com menor média concerne ao Planeamento de futuro, tal como se pode constatar no quadro abaixo.

Quadro 5

Análise descritiva (média e desvio-padrão) da ERA

	<i>M</i>	<i>DP</i>
ERA (total)	5.11	.85
Perceção do self	4.99	1.24
Planeamento do futuro	4.81	1.26
Competências sociais	5.07	1.28
Estilo estruturado	4.96	1.15
Coesão familiar	5.27	1.26
Recursos familiares	5.36	1.01

Escala de *likert* de 1 a 7

Quanto à escala SCORE-15 referente ao funcionamento familiar, obteve-se um valor médio de 4.21. Tendo em conta que as respostas se poderiam situar entre 1 (discordo totalmente) a 5 (totalmente de acordo), este valor médio parece indicar acordo quanto às afirmações que em conjunto expressam uma boa perceção de funcionamento familiar. Este resultado situa-se um pouco acima dos valores obtidos no estudo de tradução e adaptação para a população portuguesa. A dimensão que apresenta uma maior média é a referente à comunicação na família e os recursos familiares com a médias mais baixa, tal como é possível constatar abaixo no quadro 6.

Quadro 6

Análise descritiva (média e desvio-padrão) do SCORE-15

	<i>M</i>	<i>DP</i>
SCORE (total)	4.21	.76
Recursos familiares	4.17	1.01
Comunicação na família	4.24	.97
Dificuldades familiares	4.22	.68

Escala de *likert* de 1 (discordo totalmente) a 5 (concordo totalmente)

No que diz respeito ao Inventário das Dimensões da Adaptação Psicossocial, que corresponde às respostas dos sujeitos face aos desafios psicossociais e culturais, o valor médio obtido para a dimensão referente à experimentação/ possibilidades foi de 3.36, para a dimensão da negatividade/ instabilidade um valor médio de 2.92, para a dimensão da exploração de identidade um valor médio de 3 e, por fim, a dimensão da transição sociocultural um valor médio de 2.96. Tendo em conta que as respostas se poderiam situar entre 1 (Discordo fortemente) a 4 (Concordo fortemente), estes valores parecem indicar que os sujeitos têm uma boa perceção acerca das suas respostas perante os desafios psicossociais e culturais durante o período de transição. Tal como se pode verificar no quadro 7, a dimensão com uma maior média é a referente à experimentação/ possibilidades.

Quadro 7

Análise descritiva (média e desvio-padrão) do Inventário das Dimensões da Adaptação Psicossocial

	<i>M</i>	<i>DP</i>
IDAP	Não existem valores para o total da escala	
Experimentação/ possibilidades	3.36	.74
Negatividade/ instabilidade	2.92	.93
Exploração da identidade	3	.84
Transição sociocultural	2.96	.87

Escala de *likert* de 1 (discordo fortemente) a 4 (concordo fortemente)

Objetivo 2. Analisar a relação entre o planejamento do futuro e a adaptação psicossocial

A relação entre planejamento do futuro (ERA) e transição psicossocial (IDAP) foi analisada através da correlação de Pearson, importa ressaltar que foi tida em consideração cada subdimensão do IDAP.

Assim, é possível referir que se obteve uma correlação moderada e positiva entre o planejamento do futuro (ERA) e a subdimensão experimentação/ possibilidades (IDAP) [$r = .44$, $n = 105$, $p = .000$], ou seja, 19.36% da variância do planejamento de futuro é explicada pela experimentação/ possibilidades e vice-versa.

Relativamente ao planejamento de futuro (ERA) e a subdimensão negatividade/instabilidade (IDAP) obteve-se uma correlação moderada e negativa entre as duas variáveis [$r = -.32$, $n = 105$, $p = .001$], ou seja, quanto maiores forem os níveis de planejamento de futuro, menores serão os níveis associados de negatividade e instabilidade e vice-versa. Cerca de 10.24% da variância do planejamento do futuro é explicada pela percepção de negatividade e instabilidade e vice-versa. Por outras palavras, a capacidade de planejamento, de ter uma visão otimista e guiar-se segundo objetivos claros e alcançáveis para ter influência na percepção da sobrecarga associada aos desafios experienciados pela mudança.

O planejamento de futuro (ERA) quando correlacionado com a subdimensão exploração de identidade (IDAP) dá-nos a indicação de que não existe relação entre as variáveis [$r = -.008$, $n = 105$, $p = .93$].

Por fim, a correlação entre o planejamento de futuro (ERA) e a subdimensão transição sociocultural (IDAP), obteve-se uma correlação fraca [$r = .22$, $n = 105$, $p = .025$], ou seja, os planos de futuro parecem ter pouca influência na forma como nos sentimos integrados e vice-versa. Apenas explica 4.84% da variância entre as variáveis. A forma como delineamos e planeamos objetivos e temos uma visão otimista parece ter

pouca influência na forma como os sujeitos respondem aos desafios psicossociais e culturais durante o processo de transição.

Quadro 8

Correlações de Pearson entre o IDAP e o Planejamento de futuro (ERA)

IDAP	Planeamento de futuro (ERA) (<i>r</i>)
Exploração/ possibilidades	.44*
Negatividade/ instabilidade	-.32*
Exploração de identidade	-.008
Transição sociocultural	.22

* $p < .05$

Objetivo 3. Explorar a relação ente funcionamento familiar e transição psicossocial

A relação entre o funcionamento familiar e transição psicossocial foi analisada por meio da correlação de Pearson, procurou-se correlacionar todas as subdimensões do SCORE-15 com as subdimensões do IDAP.

Assim sendo, obteve-se uma correlação fraca e negativa entre a subdimensão recursos familiares (SCORE-15) e negatividade/ instabilidade (IDAP) [$r = .213$, $n = 105$, $p = .029$]. Por outras palavras, os recursos familiares e a capacidade de adaptação da família parecem ter influência na percepção de negatividade e instabilidade perante a sobrecarga associada aos desafios experienciados e vice-versa.

Relativamente à subdimensão comunicação na família (SCORE-15) correlacionada com a subdimensão negatividade/instabilidade (IDAP) obteve-se também uma correlação fraca e negativa [$r = .258$, $n = 105$, $p = .008$], ou seja, a comunicação no sistema familiar parece ter influência na percepção de negatividade e instabilidade perante a sobrecarga associada aos desafios experienciados.

Foi possível encontrar também uma correlação fraca e positiva entre a subdimensão comunicação na família (SCORE-15) e transição sociocultural (IDAP), [r

= -.211, $n = 105$, $p = .031$], ou seja, quanto maiores os níveis de comunicação familiar menores os níveis de integração e vice-versa. No quadro 9, é possível verificar com maior detalhe as restantes correlações.

Quadro 9

Correlação de Pearson entre o SCORE-15 E O IDAP

SCORE-15	Recursos familiares	Comunicação na família	Dificuldades familiares
IDEA-8			
Exploração/ possibilidades	-.07	.11	-.02
Negatividade/ instabilidade	-.21*	-.26*	.10
Exploração da identidade	-.16	-.10	.02
Transição sociocultural	.13	.21*	.19

* $p < .05$

Objetivo 4. Analisar a influência das variáveis sociodemográficas sobre transição psicossocial, nomeadamente a idade, a profissão e a situação laboral

Idade

Para a análise de diferenças entre a transição psicossocial e a idade dos sujeitos foi realizada uma ANOVA *One-way*. Os sujeitos foram divididos em grupos, em função da sua idade (grupo 1: 18 aos 30; grupo 2: 31 aos 40; grupo 3: 41 aos 50; grupo 4: 51 aos 75 anos). Registou-se apenas uma diferença estatisticamente significativa na dimensão experimentação/ possibilidades (IDAP) com a idade dos sujeitos para os quatro grupos [$F(3, 101) = 3,26$, $p = .025$]. A magnitude do efeito foi calculada através do Eta-quadrado, o qual obteve-se um efeito médio com um valor de .09.

Quadro 10

Anova One-way: Diferenças na exploração de possibilidades ao nível das idades

	Soma dos quadrados	df	Quadrado médio	Z	p
Experimentação/possibilidades	5.06	3	1.68	3.26	.02*
Negatividade/ instabilidade	1.85	3	.61	.70	.55
Exploração de identidade	.37	3	.12	.17	.91
Transição sociocultural	2.08	3	.69	.91	.43

* $p < .05$

O teste Post-Hoc de Tuckey (quadro 11) revelou que o grupo 2 (31 aos 40 anos) apresenta uma média significativamente diferente ($M = 3.32$, $DP = .77$) comparativamente ao grupo 4 (51 e os 75 anos) ($M = 2.88$, $DP = 1.02$). Por outras palavras, os sujeitos cuja idade se encontra compreendida entre os 31 e os 40 anos tendem a explorar mais as possibilidades e oportunidades quando comparados com os sujeitos entre os 51 e os 75 anos. No quadro abaixo é possível ver as restantes médias dos grupos.

Quadro 11.

Teste Post-Hoc de Tuckey: Análise de diferenças entre os grupos

	(i) idade – intervalos	(j) idade – intervalos	Diferença média	p	Limite inferior	Limite superior
Experimentação/ possibilidades	18-30	31-40	-.12	.88	-.57	.32
		41-50	.10	.95	-.42	.63
		51-75	.54	.06	-.01	1.10
	31-40	41-50	.22	.68	-.31	.77
		51-75	.67	.01*	.09	1.24
	41-50	51-75	.44	.27	-.19	1.27

* $p < .05$

Profissão

Para averiguar se existiam diferenças estatisticamente significativas entre a transição sociocultural e o facto de desempenhar a mesma função que na Venezuela, realizou-se um teste T-Student. Obteve-se um valor estatisticamente significativos, nomeadamente ao nível da dimensão exploração de identidade [$t(55) = -3,23, p = .002$ na exploração da identidade]. Em média, os sujeitos que não desempenham a mesma função que na Venezuela destacam-se por terem uma maior exploração de identidade ($M = 3.29, DP = .55$) do que os sujeitos que desempenham as mesmas funções ($M = 2.62, DP = 1.02$).

Quadro 12

T-student: Diferenças do desempenho da mesma profissão na transição sociocultural

IDAP	Mesma profissão	N	M	DP	t(gl)	p	95% IC (min; máx)	
Experimentação/ possibilidades	Sim	21	3.38	.89	-.58(55)	.56	-.528	.290
	Não	36	3.50	.64				
Negatividade/ instabilidade	Sim	21	2.52	.91	-1.66(55)	.10	-.867	.082
	Não	36	2.92	.83				
Exploração de identidade	Sim	21	2.62	1.02	-3.23(55)	.00*	-1.08	-.255
	Não	36	3.29	.55				
Transição sociocultural	Sim	21	2.79	.92	-1.22(55)	.23	-.749	.181
	Não	36	3.07	.80				

* $p < .05$

Situação laboral

Não existem diferenças estatisticamente significativas entre a situação laboral e a transição sociocultural, ou seja, o facto de se desempenhar uma função parece não ter influência nas respostas aos desafios do processo de transição sociocultural nesta amostra.

Quadro 13.

Anova One-way: Diferenças na transição psicossocial ao nível da situação laboral

		Soma dos quadrados	df	Quadrado médio	Z	p
Experimentação/ possibilidades	Entre grupos	1.35	3	.45	1.03	.37
	Total	43.69	100			
Negatividade/ instabilidade	Entre grupos	6.11	3	2.03	2.52	.06
	Total	84.33	100			
Exploração de identidade	Entre grupos	.58	3	.19	.27	.84
	Total	69.72	100			
Transição sociocultural	Entre grupos	2.48	3	.82	1.12	.34
	Total	73.74	100			

Capítulo 3

Discussão dos resultados

Com a crescente globalização, observa-se um fluxo intenso de pessoas e famílias migrantes pelo todo o mundo. Todavia, o processo migratório compreende diversas transformações, desde perdas, choques culturais, desafios no processo de adaptação à nova realidade e novas aprendizagens, ainda assim tal nem sempre ocorre de forma pacífica.

Nas últimas duas décadas, muitos cidadãos venezuelanos têm vindo a sofrer uma drástica transformação no seu estilo de vida, saúde e qualidade de vida devido às consecutivas crises políticas, sociais e económicas. O número de crises que tem vindo a aumentar exponencialmente, resultou numa crise migratória cada vez mais alarmante. A decisão de migrar afigura-se na grande maioria das vezes como a expressão de um desejo de satisfação pessoal em procura de melhores condições de vida, porém, neste contexto afigura-se como situação de migração forçada.

Partindo agora para a apresentação das principais conclusões deste trabalho, far-se-á uma análise e discussão fundamentada dos resultados do estudo, de acordo com os objetivos estabelecidos. De forma geral, os principais resultados obtidos estão em conformidade com o modelo concetual subjacente a este estudo. De facto, as variáveis familiares, individuais e socioculturais parecem contribuir para uma melhor perceção acerca dos desafios inerentes ao período de transição sociocultural.

Compreende-se, portanto, a migração neste contexto como uma situação adversa, de tal forma que se pretendeu obter uma perspetiva individual de resiliência, de superação de adversidades. A partir dos dados obtidos é possível afirmar que os sujeitos da amostra parecem apresentar uma boa perceção de resiliência, tal pode justificar-se pelo facto de que Portugal ser um país conhecido para estes migrantes, de ter uma cultura/língua familiar e de terem familiares já a viver cá. Importa relembrar que 88%

dos inquiridos tem familiares em Portugal e ainda 67% tem dupla nacionalidade, portanto estão por assim dizer em contacto regular com a cultura portuguesa, tal parece funcionar como fator protetor apesar da biculturalidade. Perdomo (2006) ilustra esta ideia, destacando que os processos de adaptação a um novo contexto podem ser influenciados de forma positiva se se emigra a um lugar onde se tem familiares e amigos e se se fala o mesmo idioma. O facto de já existirem comunidades estrangeiras estabelecidas em Portugal ajuda a gerar novos fluxos migratórios devido à estrutura e/ou à reunificação familiar (Góis, 2019). Sampaio, (2014), salienta que, no caso dos lusodescendentes, a herança cultural comporta a transmissão da língua e tal facto permite-lhes serem detentores de uma segunda língua de forma automática.

De acordo com a literatura existem vários fatores que podem condicionar a resiliência em contexto de migração, nomeadamente as condições de vida (sociais, familiares, económicas, ambientais) que definem situações de vulnerabilidade e os traços de personalidade de cada sujeito, nomeadamente a capacidade de adaptação e competência (Miller, et al., 2010). Além disto, existe ainda nestes migrantes uma identidade construída fora do território português, possível de encontrar nas redes sociais, onde exibem a bandeira portuguesa, a sua origem familiar e os seus amigos com as mesmas raízes portuguesas, com a utilização de narrativa discursiva de afirmação amplamente nacionalista (Cunha, 2009). Assim, o regresso destes migrantes é de certa forma um regresso a “casa” e (re)descoberta de laços afetivos familiares.

Quando analisamos a adaptação desta população do ponto de vista familiar, reconhece-se que os valores obtidos encontram-se acima da média esperada, isto pode dever-se a ao facto de muitos destes migrantes terem cá familiares, e de terem contacto frequente com a cultura portuguesa, o que como já referido pode funcionar como fator protetor, além disso, muitos deles mantêm contacto com os familiares e amigos que lá

ficaram. Becker (2014), aponta a migração como evento propiciador de novos padrões relacionais na dinâmica familiar. No entanto, através do questionário sociodemográfico foi possível constatar que alguns indivíduos migraram sozinhos e só depois e que os restantes familiares os acompanharam.

Segundo os estudos de Ryan, Sales, Tilki & Siara (2009) e Bagno (2007), o rompimento com laços significativos do país de origem, tem repercussões no processo de adaptação familiar. Neste âmbito, as redes sociais podem promover o bem-estar e acolhimento às famílias migrantes, facilitando o processo de adaptação ao novo contexto cultural. Couto (2005) salienta que uma das funções das redes sociais constitui-se como suporte ao enfrentamento de crises, na exposição a fatores de risco ou em situações adversas, como é o caso da migração. As redes podem ainda atuar como fonte promotora de autoestima, vínculos afetivos, aumento da competência, reforço do senso de pertença, fortalecimento da imagem social e promoção do senso de autoeficácia.

Outro dado recolhido referente ao funcionamento familiar prende-se precisamente com o contacto frequente com a restante família e amigos que ficou na Venezuela. Sardinha (2010) destaca que dada a facilidade de comunicação (e.g., telemóvel, redes sociais, telefone) os migrantes procuram manter os laços com os familiares e amigos, tal permite o desenvolvimento de atividades culturais e económicas em ambos os sítios. O suporte social, da família, amigos e demais instituições é percebido como essencial por diferentes autores (Alves & Tap, 2004; Bhugra, 2004; Ríos, 2008).

De facto, esta situação adversa provoca alterações na configuração familiar, desde a manutenção do casamento à distância, o processo de aculturação de retorno, padrões de repetição familiar, conflitos com a família estendida e ao estado de vulnerabilidade entre os membros (Carter & McGoldrick, 1995; McGoldrick, 2003).

Alguns estudos apontam a influência da migração na relação conjugal (Barros et al, 2013), levando por vezes a necessidade de intervenções clínicas nomeadamente terapia de casal. Os estudos de Falicov (2007) destacam o luto relativo ao rompimento das redes sociais do casal, os processos de tomada de decisão e a comunicação no casal alteram-se quando passam a conviver em um outro contexto diferente do seu de origem.

Quando nos referimos à transição sociocultural destaca-se que a amostra apresenta uma boa perceção das suas respostas face aos desafios psicossociais e culturais, apontando ainda que os planos de futuro parecem ter influências positivas na transição sociocultural e na exploração e experimentação de possibilidades. Para os migrantes, sejam eles forçados ou não, terem uma boa adaptação importa a receção favorável ou desfavorável da cultura de acolhimento (Berry, 1997). A adaptação e integração de qualquer migrante é mediada por vários fatores, nomeadamente, a empregabilidade, a idade, o género, a personalidade, o domínio da língua e a identificação cultural (Ríos, 2008; Bhugra, 2004). Tanto o processo de aculturação como o de reaculturação caracterizam-se pelo sentimento de perda do traço familiar e requerem a integração num novo sistema cultural e nem sempre o regresso corresponde à imagem construída e tecida no seio familiar (Becker, 2014).

Além disto aponta-se o facto de a situação laboral não parecer ter influência no processo de transição sociocultural. No entanto, vários estudos apontam diferentes formas de exploração e precarização das condições laborais, geralmente estão associadas ao estatuto de indocumentados/as e a discriminações étnico-raciais, de género, religiosas, entre outras (Beheran, Freitas, 2011; Cavalcanti, 2014; Feldman-Bianco, 2015). Existe uma ambivalência entre criar raízes no lugar de destino ou manter os vínculos com o lugar de partida, pois para além do desenquadramento espacial existe

um desenquadramento cultural tornando o indivíduo vulnerável à angústia e à ansiedade.

Outro dado recolhido que merece destaque prende-se com a escolaridade e a situação laboral destes migrantes, uma grande percentagem apresenta formação superior, no entanto, por sua vez, a grande maioria não se encontra a exercer a sua área de formação. Muitos dos migrantes em Portugal ainda estão representados em categorias profissionais pouco qualificadas, tendo trabalhos pouco atrativos, de baixas qualificações, com condições de trabalho árduas e níveis altos de insegurança. Os migrantes têm tipicamente trabalhos que estão abaixo dos seus níveis de qualificação, significando um processo de desaproveitamento de competências (Góis, 2019). Quanto à escolaridade os indivíduos que apresentam melhores níveis económicos e maior escolaridade tendem a ser mais movimentais que os demais. Tal prende-se pelo facto das pessoas com melhores níveis económicos absorvem melhor os custos da migração e participam de um mercado de trabalho mais amplo do que as restantes (Golgher, 2004).

A exploração de possibilidades indicou ser menor na faixa etária entre os 51 e os 71 anos, tal pode justificar-se pelo facto de o mercado de trabalho procurar mão-de-obra maioritariamente jovem. Na perspetiva migratória as famílias que se encontram na última fase do ciclo vital, Carter & McGoldrick (1995) salientam que a adaptação pode ser mais difícil, em virtude de um universo simbólico bem mais enraizado na cultura de origem, uma vez que ao confrontar-se com a nova sociedade, a experiência de estranhamento e do choque cultural pode ser maior. Ainda assim, o recente aumento na migração preencheu também uma falha no mercado de trabalho, compensando carências na mão de obra nacional e ajudando a satisfazer as necessidades de setores como o turismo, serviços e agricultura (Góis, 2019).

Capítulo 4

Conclusões

As migrações não são uma realidade contemporânea, desde sempre que a mobilidade é uma idiosincrasia do ser humano. O movimento migratório implica várias etapas, as quais podem variar se a migração é planeada ou forçada. Todavia, ainda que sejam por diferentes motivos, existe uma etapa anterior à partida, particularmente difícil no caso de uma migração forçada, uma etapa de aculturação ao país para o qual se emigra. Em situação de migração forçada, existe um sentimento de perda de emprego, carreira e um lugar na sociedade, o que pode implicar uma perda de identidade, acompanhada de incerteza com relação ao futuro (Organização Mundial da Saúde, 2003).

Os migrantes quando abandonam o seu meio ambiente familiar, não ultrapassam apenas fronteiras geográficas, mas também culturais, socioeconómicas e interpessoais e confrontam-se com locais desconhecidos e uma sociedade com diferentes valores, perceções e tradições.

A crise na Venezuela é premente, bem como a necessidade de discussão e análise sobre a crise interna causada pelas constantes tensões bem como pela onda migratória que tem se vindo a verificar. Estes migrantes trazem consigo as suas necessidades mais básicas, os seus sonhos de poderem viver um novo (re)começo, mesmo que isso implique alguns sacrifícios.

Este estudo, ainda que exploratório, permitiu retirar algumas conclusões acerca do tema que certamente não se esgotam com este primeiro passo. Primeiramente, não se pode tratar o tema do regresso destes migrantes a Portugal sem abordar o fenómeno da migração em geral. Em termos psicológicos, migrar não implica necessariamente mal-estar psicológico, ainda assim os fatores de stress associados como o isolamento, a empregabilidade, a idade, o género, a personalidade, a língua e a identificação cultural,

são variáveis que influenciam a adaptação de qualquer migrante (Ríos, 2008). Neto (2010) ressalva que o estudo do fenómeno de regresso dos lusodescendentes, sob uma perspectiva psicológica, permite desenvolver estratégias, programas e políticas mais adequados a estes indivíduos. Uma abordagem da psicologia nesta crise migratória permite perceber de que forma os fatores biológicos, comportamentais e sociais influenciam a saúde e qualidade de vida dos indivíduos (Teixeira, 2004).

Por conseguinte, aponta-se a relevância deste estudo de forma a que possa incitar a implementação de ações concretas de políticas públicas com vista à garantia de direitos e o acolhimento necessário para as famílias migrantes quer de carácter voluntário ou involuntário, as quais sob diversas circunstâncias encontram-se num estado de vulnerabilidade devido ao rompimento com o seu contexto de origem. Neste aspeto, é útil promover uma compreensão pública acerca da realidade atual. Do mesmo modo, ser transparente e estar consciente dos desafios atuais e futuros de forma a promover comportamentos solidários, através do acolhimento e da inclusão total.

Finalizado o estudo, é importante referir que se pretendia inicialmente possuir uma amostra mais representativa desta vaga de migrantes, porém o facto de o protocolo ser um tanto longo e o difícil acesso a estes migrantes, dificultou o alcance de um número mais representativo. O processo de tradução e retroversão dos instrumentos foi também um pouco moroso, no sentido em que se procurou alcançar semelhança semântica ao máximo, outro aspeto que decorreu igualmente com alguma morosidade foram alguns processos de autorização para efetuar o estudo em diversas escolas, nomeadamente em cursos de português.

Outra das limitações encontradas foi o facto de que a grande maioria dos questionários terem sido respondidos sem a presença dos investigadores, tal inviabilizou

o esclarecimento e dúvidas, outro aspeto prende-se precisamente com a formulação de algumas questões referentes ao questionário sociodemográfico.

Outro aspeto que deveria ter sido incluído seria, a par dos instrumentos utilizados uma parte de entrevista com as pessoas, de forma a compreender outras questões e de certa forma ampará-las as suas inquietudes e inseguranças.

Assim sendo, seria de igual forma relevante realizar um estudo semelhante que atendesse à retificação destes aspetos, de forma a se obter informações mais conclusivas e representativas e auxiliar na definição de medidas de maneira a melhorar a qualidade de vida destes migrantes.

Concluindo, objetivou-se fornecer um contributo à compreensão do fenómeno migratório, e do seu impacto nestes migrantes, nomeadamente no que toca ao plano individual, familiar e cultural. Este estudo evidencia a importância de se investigar as relações familiares neste contexto e o indivíduo neste processo de adaptação e integração sociocultural.

Pretendeu-se assim contribuir, não só para a concretização de futuras investigações na área da educação, como também para a prestação de apoio a estes migrantes e suas famílias, para a promoção de políticas que fomentem o maior envolvimento na sociedade, o apoio a processos de consultoria, a elaboração de programas de intervenção e, em última instância, contribuir para a sua qualidade de vida.

Referências bibliográficas

- Abbasi-Shavazi, M. J., & Sadeghi, R. (2015). Socio-cultural Adaptation of Second-generation Afghans in Iran. *International Migration*, 53(6), 89-110.
- Agência Lusa (2019, 22 de fevereiro). Venezuela. Cerca de 3,4 milhões de pessoas saíram do país desde o início da crise. Observador. Lisboa. In <https://observador.pt/2019/02/22/venezuela-cerca-de-34-milhoes-de-pessoas-sairam-do-pais-desde-o-inicio-da-crise/>
- Aksel, Ş., Gün, Z., Irmak, T. Y., & Cengelci, B. (2007). Migration and psychological status of adolescents in Turkey. *Adolescence*, 42(167), 589-602.
- Almeida, L. S., & Freire, T. (2000). *Metodologia da investigação em psicologia e educação*. Coimbra: APPORT.
- Almeida, L., & Freire, T. (2007). *Metodologia da Investigação em Psicologia Educacional*. Braga: Psiquilíbrios Edições.
- Alves, M. N. & Tap, P. (2004). Les émigrés de retour au Portugal: attitudes et conduites d'adaptation. *Migrations Société*, 16(93), 33-46.
- Anaut, M. (2005). *A resiliência. Ultrapassar os traumatismos*. Climepsi, Lisboa, 157-159.
- Angst, R. (2009). Psicologia e resiliência: uma revisão de literatura. *Psicologia argumento*, 27(58), 253-260.
- Bäckström, B., & Castro-Pereira, S. (2012). A questão migratória e as estratégias de convivência entre culturas diferentes em Portugal. *Revista Interdisciplinar da Mobilidade Humana*, 20(38), 83-100.
- Baggio, S., Iglesias, K., Studer, J., & Gmel, G. (2015). An 8-item short form of the Inventory of Dimensions of Emerging Adulthood (IDEA) among young Swiss men. *Evaluation & the health professions*, 38(2), 246-254.
- Balatel, E. (2017). Inventário das Dimensões da Adulter Emergente (IDEA-8): Estudos psicométricos iniciais (Tese de Mestrado apresentada à Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias). Retirado de:

[http://recil.grupolusofona.pt/bitstream/handle/10437/8660/Disserta%
o EcaterinaBalatel_VersaoFINAL.pdf?sequence=1](http://recil.grupolusofona.pt/bitstream/handle/10437/8660/Disserta%c3%a7%c3%a3o_EcaterinaBalatel_VersaoFINAL.pdf?sequence=1)

- Barros, D. D., Galvani, D., de Almeida, M. C., & Soares, C. R. (2013). Cultura, economia, política e saber como espaços de significação na Terapia Ocupacional Social: Reflexões sobre a experiência do Ponto de Encontro e Cultura. *Cadernos Brasileiros de Terapia Ocupacional*, 21(3), 583-594.
- Bateson, G. (1987). *Natureza e Espírito*. Lisboa: D. Quixote.
- Becker, A. P. S. (2014). Famílias sem fronteiras: dimensões psicossociais da migração no ciclo de vida familiar. (Dissertação de Mestrado).
- Beheran, M. & Freitas, P. (2011). Trajetórias migratórias e inserção laboral de jovens migrantes bolivianos(as) em oficinas de costura nas cidades de São Paulo e Buenos Aires. In Pereira, G. S. & Pereira, José R. (orgs.). *Migração e Globalização – um olhar interdisciplinar*. Curitiba: CRV, 265-292.
- Berry, J. W. (1992). Acculturation and adaption in a new society. *International Migration*, 30, 69–85.
- Berry, J. W. (1997). Immigration, acculturation, and adaptation. *Applied Psychology*, 46(1), 5-34.
- Berry, J. W. (2001). A psychology of immigration. *Journal of social issues*, 57(3), 615-631.
- Bhugra, D. (2004). Migration, distress and cultural identity. *British medical bulletin*, 69 (1), 129-141.
- Brislin, R. W. (1980). Cross-cultural research methods. In *Environment and culture*. Springer, Boston, MA, 47-82.
- Brislin, R. W. (1980). Translation and content analysis of oral and written materials. *Methodology*, 2, 389-444.
- Brislin, R. (1986). The wording and translation of research instruments. In: W. J. Lonner, & J. W. Berry (Eds.), *Field methods in cross-cultural research* (137 – 64). Beverly Hills, CA: Sage.

- Calegari, M. (2016). Migração de crise: refúgio e família no Brasil. *Anais do XIX Encontro Nacional de Estudos Populacionais População, Governança e Bem-Estar*, 1-20.
- Carter, B., & McGoldrick, M. (1995). *As mudanças no ciclo de vida familiar: uma estrutura para a terapia familiar*. Porto Alegre: Artes Médicas.
- Cavalcanti, L. (2014), “Imigração e mercado de trabalho: características e tendências”. In Cavalcanti, L., Oliveira, A., Tonhati, T. (orgs), Relatório parcial a inserção dos imigrantes no mercado de trabalho brasileiro, Brasília: *Cadernos do observatório das Migrações Internacionais*.
- Cervený, C., & Berthoud, C. (1997). *Família e Ciclo Vital: Nossa Realidade e Pesquisa*. São Paulo: Casa do psicólogo.
- Clouet, R. (2013). Understanding and assessing intercultural competence in an online environment: a case study of transnational education programme delivery between college students in ULPGC, Spain, and ICES, France. *Revista Espanola de Linguística Aplicada*.
- Coll, C. G., & Magnuson, K. (2014). The psychological experience of immigration: A developmental perspective. *The new immigrant and the American family: Interdisciplinary perspectives on the new immigration*, 4, 69-72.
- Coolican, H. (2004). *Research Methods and Statistics in Psychology*. London: Hodder & Stoughton.
- Coutinho, C. (2011). *Metodologia de Investigação em Ciências Sociais e Humanas: teoria e prática*. Coimbra: Edições Almedina.
- Couto, M. C. (2005). Fatores de risco e de proteção na promoção de resiliência no envelhecimento. Dissertação (Mestrado). Universidade Federal do Rio Grande do Sul – UFRGS, Porto Alegre: 2005.
- Cunha, J. A. (2009). *Psicodiagnóstico-v*. Artmed Editora.
- Dantas, S. D., Ueno, L., Leifert, G., & Suguiur, M. (2010). Identidade, migração e suas dimensões psicossociais. *REMHU-Revista Interdisciplinar da Mobilidade Humana*, 18(34), 45-60.

- Deepak, A. C. (2005). Parenting and the process of migration: Possibilities within South Asian families. *Child Welfare*, 84(5), 585.
- Falicov, C. J. (2007). Working with transnational immigrants: Expanding meanings of family, community, and culture. *Family Process*, 46(2), 157-171.
- Feldman-Bianco, B. (2015). Desarrollos de la perspectiva transnacional: Migración, ciudad y economía política. *Alteridades*, 25(50), 13-26.
- Fernandes, O., Alarcão, M., & Raposo, J. (2007). Posição na fratria e personalidade. *Estudos de Psicologia*, 24(3), 297-304.
- Fraser, M. W., Galinsky, M. J., & Richman, J. M. (1999). Risk, protection, and resilience: Toward a conceptual framework for social work practice. *Social work research*, 23(3), 131-143.
- Friborg, O., Hjemdal, O., Martinussen, M., & Rosenvinge, J. H. (2009). Empirical support for resilience as more than the counterpart and absence of vulnerability and symptoms of mental disorder. *Journal of Individual Differences*, 30(3), 138-151.
- Garcia, I. (2001). Vulnerabilidade e resiliência. *Adolescência Latinoamericana*, 2, 128-130.
- Góis, P. (2019). *Casa comum: Migrações e desenvolvimento em Portugal*. Lisboa: Cáritas Portuguesa.
- Golgher, A. B. (2004). *Fundamentos da migração*. Belo Horizonte: UFMG/Cedeplar.
- Gomes, N. (2001). Os portugueses nas Américas: Venezuela, Canadá e EUA. *Janus*, Lisboa, 144-145
- Gomes, N. (2009). Os portugueses na Venezuela. *Relações Internacionais*, Lisboa (24), 83-92.
- Johnson, B., & Christensen, L. (2008). *Educational research: Quantitative, qualitative, and mixed approaches*. EUA: Sage Publications.
- Jubilut, L. L., & Apolinário, S. M. O. (2010). A necessidade de proteção internacional no âmbito da migração. *Revista direito GV*, 6(1), 275-294.
- Kaiser, H. F. (1970). A second generation little jiffy. *Psychometrika*, 35(4), 401-415.

- Kaiser, H. F., & Rice, J. (1974). Little jiffy, mark IV. *Educational and psychological measurement*, 34(1), 111-117.
- López, I. R., & Contreras, J. M. (2005). The best of both worlds: Biculturalism, acculturation, and adjustment among young mainland Puerto Rican mothers. *Journal of Cross-Cultural Psychology*, 36(2), 192-208.
- Luthar S., Cicchetti D., Becker B., (2000). The construct of resilience: A critical evaluation and guidelines for future work. *Child Development*. 71(3), 543–562.
- Martins-Borges, L. (2013). Migração involuntária como fator de risco à saúde mental. *Remhu-Revista Interdisciplinar da Mobilidade Humana*, 21(40*), 151-162.
- Masten, A. (2001). Ordinary magic: Resilience processes in development. *American Psychologist*, 56(3), 227-238.
- Masten, A. S., Gewirtz, A. H., & Sapienza, J. K. (2013). Resilience in Development: The importance of early childhood. In R. E. Tremblay., R. G. Barr, & R. D. Peters (Eds.), *Encyclopedia on Early Childhood Development* (pp. 1-6). Montreal: Centre of Excellence for Early Childhood Development.
- McGoldrick, M. (2003). *Novas abordagens da terapia familiar: raça, cultura e gênero na prática clínica*. Roca.
- Miller, G. A. (2010). Mistreating psychology in the decades of the brain. *Perspectives on Psychological Science*, 5(6), 716-743.
- Minuchin, S. (1982). Reflections on boundaries. *American Journal of Orthopsychiatry*, 52(4), 655-663.
- Morrison, M., & James, S. (2009). Portuguese immigrant families: The impact of acculturation. *Family Process*, 48(1), 151-166.
- Nascimento, J. (2009). A emigração madeirense para a Venezuela (1940-1974). (Dissertação de Mestrado). Funchal: Universidade da Madeira.
- Neto, F. (2010). Mental health among adolescents from returned Portuguese immigrant families from North America. *North American Journal of Psychology*, 12(2), 265–278.

- Neto, F. (2010a). Mental health among adolescents from returned Portuguese immigrant families from North America. *North American Journal of Psychology*, 12(2), 265–278.
- Oliveras, A. (2000): Hacia la competencia intercultural en el aprendizaje de una lengua extranjera. Estudio del choque cultural y los malentendidos. Madrid: Edinumen, Memorias para el aprendizaje, Serie Máster E/LE Universidad de Barcelona.
- Olson, D. H. (2000). Circumplex model of marital and family systems. *Journal of Family Therapy*, 22(2), 144-167.
- Organização Mundial da Saúde (2003). 6th Meeting of the European National Counterparts for the WHO Mental Health Programme Report, 2003; WHO Mental Health Programme Report, Denmark.
- Organização Mundial de Saúde, 2003. Informação sobre a Posição da OIM com relação ao Bem-estar Psicossocial e Mental dos Migrantes. Saúde Mental: Novos Conhecimentos, Novas Esperanças. Genebra, 10 de novembro.
- Pallant, J., & Manual, S. S. (2010). A step by step guide to data analysis using SPSS. Berkshire UK: McGraw-Hill Education.
- Pena Pires, R., Pereira, C., Azevedo, J., Vidigal, I., & Moura Veiga, C. (2017). Emigração portuguesa. *Relatório estatístico 2017*. Lisboa, Observatório da Emigração e Rede Migra.
- Perdomo, R. P. (2006). Os efeitos da migração. *Ethos Gubernamental*, 4, 111-124.
- Pereira, M., Cardoso, M., Albuquerque, S., Janeiro, C & Alves, S. (2017). Escala de Resiliência para adultos (ERA). In Relvas, A. & Major, S. *Avaliação Familiar: volume II*. Coimbra, Portugal: Imprensa da Universidade de Coimbra
- Pesce, R., Assis, S., Santos, N., & Oliveira, R., (2004). Risco e proteção: em busca de um equilíbrio promotor de resiliência. *Revista Teoria e Pesquisa*, 20 (2), 135-143.
- Prado, F. R. (2006). O Mito da cidade provisória: natureza, migração e conflito social em Tailândia (1977-2000).

- Rahman, M. (2009). Temporary migration and changing family dynamics: implications for social development. *Population, space and place*, 15(2), 161-174.
- Ramos, N. (2009). Saúde, migração e direitos humanos. *Mudanças–Psicologia da Saúde*, 1-11.
- Reifman, A., Arnett, J., & Colwell, M. (2007). Emerging adulthood: Theory, assessment and application. *Journal of Youth Development*, 2(1), 37-48.
- Reis, E. (1997). *Estatística multivariada aplicada*. Lisboa: Silabo.
- Reis, E., & Moreira, R. (1993). *Pesquisa de mercados*. Lisboa: Silabo.
- Relatório de desenvolvimento humano (2009) - Ultrapassar barreiras: mobilidade e desenvolvimento humanos. Publicado para o Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento (PNUD).
- Relvas, A. P. (2006). *O ciclo vital da família: perspectiva sistémica*. (4ª Ed). Porto: Edições
- Relvas, AP, & Major, S. (2016). *Avaliação familiar: vulnerabilidade, stress e adaptação*. In *Avaliação familiar: vulnerabilidade, stress e adaptação*, 2, 37-62.
- Ríos, D. P. (2008). Migration and psychopathology. *Anuário de Psicologia Clínica y de la Salud*, 4, 15– 25
- Rivas, G., & Pereira, R. (2013). Validación de una escala de evaluación familiar: adaptación del Score-15 con normas en español.
- Roberto, S., & Moleiro, C. (2015). Processos de Resiliência em Migrantes: Narrativas Biográficas de Brasileiros em Portugal. *Psicologia em Estudo*, 20(2).
- Rudy, D., & Grusec, J. E. (2001). Correlates of authoritarian parenting in individualist and collectivist cultures and implications for understanding the transmission of values. *Journal of Cross-Cultural Psychology*, 32(2), 202-212.
- Rutter, M. (1987). Psychosocial resilience and protective mechanisms. *American Orthopsychiatric Association*, 57(3), 316-331.
- Sampaio, P. (2014). A adaptação dos lusodescendentes de regresso a Portugal. *InterDISCIPLINARY Journal of Portuguese Diaspora Studies*, 3(1), 77-98.

- Sardinha, J. (2010). “As Coisas não têm sido as Mesmas em 500 anos...”: Reflexões sobre a Integração e Construções Identitárias dos Angolanos em Portugal. *Migracijske i etničke teme*, 26(2), 143-167.
- Seibel, B., Falceto, O., Hollist, C., Springer, P., Fernandes, C. & Koller, S. (2017). Rede de apoio social e funcionamento familiar: Estudo longitudinal sobre famílias em vulnerabilidade social. *Pensando Famílias*, 21(1), 120-136.
- Siriwardhana, C., & Stewart, R. (2013). Forced migration and mental health: prolonged internal displacement, return migration and resilience. *International health*, 5(1), 19-23.
- Siriwardhana, C., Ali, S. S., Roberts, B., & Stewart, R. (2014). A systematic review of resilience and mental health outcomes of conflict-driven adult forced migrants. *Conflict and Health*, 8(1), 13.
- Sordes-Ader, F., Fsian, H., Esparbès, S., & Tap, P. (1996). Stratégies de coping et désirabilité sociale. *Aprendizagem e Desenvolvimento*, IV (15-16), 165-173.
- Stratton, P., Bland, J., Janes, E., & Lask, J. (2010). Developing an indicator of family function and a practicable outcome measure for systemic family and couple therapy: The SCORE. *Journal of Family Therapy*, 32(3), 232-258.
- Teixeira, J. A. C. (2004). Psicologia da saúde. *Análise Psicológica*, 3(27) 441–448.
- Toland, J., & Carrigan, D. (2011). Educational psychology and resilience: New concept, new opportunities. *School Psychology International*, 32(1), 95-106.
- Vangelisti, A. L. (Ed.). (2004). *Handbook of Family Communication*. New Jersey: Lawrence Erlbaum Associates, Publishers.
- Vilaça, M., Silva, J. T., & Relvas, A. P. (2014). Systemic Clinical Outcome Routine Evaluation (SCORE-15). In A. P. Relvas (Ed.), *Instrumentos de Avaliação Familiar - Funcionamento e Intervenção* (Vol. I, pp. 23-45). Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra
- Walsh, F. (2005). *Fortalecendo a resiliência familiar*. São Paulo, SP: Roca.
- Walsh, F. (2016). *Processos normativos da família: Diversidade e complexidade* (4ª ed.). Porto Alegre: Artmed.

- Walsh, F. (2016). *Strengthening family resilience*. Guilford Publications.
- Wright, M. O. D., Masten, A. S., & Narayan, A. J. (2013). Resilience processes in development: Four waves of research on positive adaptation in the context of adversity. In *Handbook of resilience in children (15-37)*. Springer, Boston, MA.
- Wrzus, C., Hänel, M., Wagner, J., Neyer, F.J., 2013. Social network changes and life events across the life span: a meta-analysis. *Psychological Bulletin* 139(1), 53–80.
- Yunes, M. (2003). Psicologia positiva e resiliência: o foco no indivíduo e na família. *Revista Psicologia em Estudo*, 8, 75-84.
- Yunes, M. A. M., & Szymanski, H. (2001). Resiliência: noção, conceitos afins e considerações críticas. *Resiliência e educação*, 2, 13-42.
- Ziaian, T., de Anstiss, H., Antoniou, G., Baghurst, P., & Sawyer, M. (2012). Resilience and its association with depression, emotional and behavioural problems, and mental health service utilisation among refugee adolescents living in South Australia. *International Journal of Population Research*, 2012.

ANEXOS

Anexo 1

Carta-Convite à Participação no Estudo



Caro/a participante:

Un equipo de investigadores de la Facultad de Psicología y Ciencias de la educación de la Universidad de Coimbra, del Centro de Estudios Sociales (CES) y de la Universidad de Madeira está a desarrollar un proyecto de investigación intitulado **“Comunidad Luso-Venezolana en Portugal: Perspectiva macro, meso y micro sistémica de los procesos de adaptación de los movimientos migratórios”**. Este proyecto incluye varios estudios cuya intención es analizar el funcionamiento familiar, los procesos identitarios y las narrativas/historias de adaptación de los migrantes luso- venezolanos a la Isla de Madeira, y el impacto de las tecnologías de información y comunicación (TIC) en las redes sociales personales de migrantes antes y después de la migración.

Para se poder hacer esta investigación **su colaboración es en efecto importante**. Las informaciones necesarias para el estudio serán recogidas mediante entrevistas, cuestionarios y un registro de sus datos sociodemograficos. Estos datos son muy importantes para dar visibilidad y permitir una mejor comprensión de las diferentes vías de los migrantes en el proceso de adaptación a Portugal, desarrollando formas de intervención que faciliten la integración de los migrantes.

Todas las informaciones son **confidenciales**, siendo utilizadas en exclusivo para la investigación. Su participación es **completamente voluntaria** y en cualquier momento podrá rechazar su continuidad el la participación, sin consecuencias para Usted. Si tiene alguna duda sobre su participación, puede contactar el equipo responsable a través del correo eletrónico eim.projeto@gmail.com.

Todo el equipo de investigación reconoce su contributo como fundamental, y le dá las gracias por su disponibilidad en participar

CONSENTIMIENTO INFORMADO

Si No

Data: __/__/____

Assinatura: _____

El equipo de investigación: Alda Portugal, Ana Paula Relvas, Cristiano Gianolla, Érica Fernandes, Maria Dias, Maria João Beja, Maria Luz Moya, Luciana Sotero e William Figueira.